

## 4 A PESCA

*“Precisa se intendé o que é a pesca. A pescaria num é malícia, é cûecimento, é mãã. A arte foi de dote, observada. Tudo merece cuidado”.*

(Mestre J.S.P., 86 anos)

O presente capítulo visa a descrever a constituição da pesca a partir de uma visão geral, breve histórico, até o universo particular da pesca artesanal da comunidade de Baiacu, com enfoque para os métodos e as equipes de pesca daquela comunidade. Preocupa-se também em apresentar ‘a maré’, ambiente especial para os pescadores.

### 4.1 BREVE HISTÓRICO

A palavra *pesca* abarca um conceito vasto, apesar de, muitas vezes, ser utilizada apenas com a significação de ‘pescaria’. No sentido genérico, a pesca é a extração de organismos aquáticos do meio onde se desenvolveram para diversos fins, tais como a alimentação, a recreação (pesca recreativa ou pesca desportiva), a ornamentação (captura de espécies ornamentais), ou para fins industriais, incluindo o fabrico de rações para o alimento de animais em criação e a produção de substâncias com interesse para a saúde, como exemplo, o óleo de fígado de peixe de bacalhau. De acordo com os dicionários de Houaiss (2004) e Ferreira (1999), *pesca* equivale à ‘ação de se apanhar, fisgar alguma coisa’. Ferreira (1999) relaciona o termo à pescaria: “Pesca subst. Fem. 1. Ato, arte ou prática de pescar; pescaria. 2. O que se pescou: a pesca hoje foi boa. 3. A indústria da pesca.” (FERREIRA, 1999, p. 1555). Em Houaiss (2004), encontram-se as seguintes acepções: “Pesca s.f. 1. captura de peixes, crustáceos etc. 2 técnica us. nessa captura 3 indústria dessa atividade 4 p. ext. recolhimento de algo da água. Pescaria.” (HOUAISS, 2004, p. 597).

Para cientistas e administradores pesqueiros, o termo *pesca* diferencia-se do vocábulo *pescaria*, fato que não se observa nos dicionários consultados. A pescaria, na visão de cientistas e administradores, passa a ser conceituada enquanto conjunto de ecossistema e de todos os meios que nele atuam para capturar uma espécie ou um grupo de

espécies afins. E o termo *pesca* refere-se ao próprio ato de capturar animais aquáticos, devido a ser uma atividade extrativa que explora espécies selvagens que se reproduzem por conta própria e sobre as quais se tem pouco ou nenhum controle.

Do ponto de vista dos pescadores da comunidade do Baiacu, a significação para a lexia *pesca* provém de “*a vida que ahente depende dela para vivê*” (JG, 58 anos); “*uma lisão, um aprendê*” (JSP, 86 anos); “*o meu ganha pão*” (JA, 48 anos); “*sobrevivência interessante*” (ES, 51 anos);” *um trabalho de união*” (JG, 58 anos).

A pesca, por sempre ter feito parte da cultura humana, desempenha um papel específico tanto do ponto de vista alimentar, como do artístico, da identidade e do modo de vida de várias comunidades. Na Bíblia, a pesca é simbolicamente expressada por abstração no ato da partilha do peixe, expressão maior dos cristãos. De acordo com Diegues:

[...] pouco se sabe sobre a pesca nas sociedades primitivas. O homem primitivo era um coletor de moluscos.[...] Ao que parece, nesse período a pesca era principalmente lacustre e fluvial.[...] Já no Império Romano [...] a pesca era uma atividade de escravos, sendo o comércio, porém, controlado por negociantes especializados. [...] A atividade pesqueira conheceu um grande avanço na Idade Média, quando podemos identificar dois momentos. No primeiro momento, a pesca se realizava no interior das propriedades feudais, constituindo-se em uma atividade ligada à agricultura e praticada, sobretudo nos lagos, lagoas e zonas costeiras [...]. A pesca e a fabricação de rede também foram atividades econômicas incentivadas pelos monges, possivelmente para atender o consumo crescente dos cristãos. [...] No segundo momento, a pesca passou a ser uma atividade exercida sobretudo pelas cidades medievais. (DIEGUES, 1983, p. 13, 14, 15).

Sem ainda terem desenvolvido as formas tradicionais de cultivo da terra e criação de animais, as sociedades primitivas praticamente dependiam da pesca como fonte de alimentos. Conforme estudo de Abdallah e Castello (2003), restos de cerâmicas usadas no preparo da comida, casca de ostras e mexilhões encontrados na Escandinávia confirmam que, antes mesmo da captura dos pescados com equipamento apropriado, o homem primitivo era o coletor de moluscos. O anzol, como instrumento para captura de peixes, só viria a ser criado algumas centenas de anos depois, bem como as primeiras redes de pesca, com o desenvolvimento da tecelagem primitiva, já no fim da pré-história. Na Idade Média, o peixe era usado como moeda de troca entre os Senhores feudais e camponeses, sendo comum que o pagamento da renda da terra fosse feito em peixe ou óleo de peixe.

Para Controviejo(1990),

[...] la primera característica de las relaciones de producción feudal en la pesca es la indisoluble unidad del trabajador con dominio de los medios de producción. Todos eran trabajadores y propietarios (CONTROVIEJO, 1990, p.16)

Antropologicamente, a pesca é uma atividade de caça e o pescador ‘culturalmente caçador’. A pesca envolve um conjunto de atividades, tais como a captura, o processamento de produto, estocagem e comercialização e ainda a captura naval e fabrico e reparo de apetrechos. Mesmo antes do descobrimento do Brasil pelos portugueses, a pesca já havia se estabelecido entre os indígenas. Quando os portugueses aqui atracaram encontraram tribos nativos com seus métodos próprios para a construção de canoas e utensílios para a captura de peixes. Mais tarde, com a colonização, a chegada de diferentes povos no território nacional e a miscigenação contribuíram para um desenvolvimento mais significativo na pesca.

Embora esteja alocada nos conjuntos das atividades do setor agropecuário, o estudo e a análise das suas transformações e tendências requerem que se atentem para as características particulares da atividade pesqueira, pois a pesca é a última atividade de caça realizada em larga escala, o que implica uma organização particular da produção na qual questões como, acesso à exploração, controle dos recursos e as transformações ambientais são variáveis fundamentais no processo de reprodução ampliada da atividade pesqueira.

Até os anos sessenta, a atividade pesqueira no Brasil era e ainda é predominantemente artesanal. Conforme Relatório do IBAMA (2005), 60% da pesca brasileira é artesanal e sua produção está voltada basicamente para atender o mercado interno. A partir de então, através da política de incentivos fiscais à pesca, desenvolve-se a chamada pesca industrial, voltada preferencialmente para o mercado externo. A pesca artesanal é mais importante no Norte e no Nordeste do que no Sul e Sudeste, e participa com cerca de 40% em peso, cabendo à pesca industrial cerca de 60%. Porém, isso não significa dizer que a participação do setor industrial supere a do artesanal, que incide predominantemente sobre espécies mais nobres.

Na década de 70, os recursos marinhos ainda eram considerados inesgotáveis. No contexto atual, a realidade não é a mesma. De acordo com a Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação - FAO, no artigo sobre “O estado da pescarias e

da Aqüicultura no mundo” estima-se que entre 47% e 50% dos estoques pesqueiros marinhos encontram-se sobre exploração plena, não havendo, portanto, qualquer possibilidade de expansão das suas capturas em bases sustentáveis, e entre 15% e 18% deparam-se sobre-explotados, e 9% a 10% já entraram em crise, encontrando-se exauridos ou em recuperação.

O Código da Pesca define os recursos marinhos como bens pertencentes à sociedade que, através do governo, são concedidos aos interessados sob condições da sua exploração. Institucionalmente, a pesca e os pescadores do Brasil encontram-se tutelados pelos Ministérios da Agricultura e da Marinha, órgãos que possibilitam a intervenção do Estado na atividade, na regulamentação profissional e na organização política da categoria de pescadores.

Beatrice, citada por Abdallah e Castello (2003), explica que a valoração da pesca está muito mais relacionada ao uso e ao aproveitamento econômico e social do pescado capturado do que com o seu volume. Segue a pesquisadora, informando que muitas das espécies capturadas no Brasil são de alto valor econômico, e têm como consequência o maior aproveitamento de captura e de distribuição mais ampla e direta do benefício do que pescarias temperadas monoespecíficas, pois, o pescado é uma importante fonte de proteína. Para a pesquisadora, a manutenção de uma pesca artesanal de pequena escala é muito mais importante para a economia nacional do que se imagina. Consequentemente, a população que se concentra na região costeira depende desses recursos de uma forma diária.

A preservação dos ecossistemas costeiros é essencial para a manutenção dos estoques pesqueiros, sejam mangues, recifes de coral, estuários, restingas ou pradarias de fanerogamas.

Entretanto, na segunda Conferência Nacional de Aqüicultura e Pesca realizada entre os meses de dezembro de 2005 e março de 2006 foram discutidas questões referentes à exploração. Os responsáveis por tal empreitada reconhecem que no Brasil vivem-se momentos decisivos em relação ao ordenamento de importantes pescarias hoje intensamente explotadas, como a pesca de camarões, lagostas, sardinha, pargo, piramutaba, recursos de grande valor social e econômico. Por outro lado, o país precisa investir na modernização de sua frota pesqueira, reduzir o esforço sobre recursos sobreexplotados, ampliar a pesca em mar aberto, assim como ocupar soberanamente sua Zona Econômica

Exclusiva-ZEE.

A Conferência apresenta uma proposta paradoxal, pois enquanto os estudiosos mostram-se preocupados com o equilíbrio do ecossistema, os protagonistas das políticas públicas do setor pesqueiro consideram necessário antecipar as políticas ofensivas de desenvolvimento do setor, ampliando ou redirecionando os espaços da pesca, e apontam alternativas de capturas e de tecnologias que potencializem o exercício da atividade pesqueira. Cabe, porém, o seguinte questionamento: qual seria o papel do pescador, principal responsável pela existência do ramo pesqueiro? A resposta que se tem é a de que existe uma forma sustentável, mediante o aproveitamento dos 8,5 mil quilômetros da costa brasileira, da quantidade e da variedade da fauna marinha e de água doce e da riqueza do país em recursos hídricos. A variável dessa resposta é também encontrada na matéria de Tavares, no Jornal *A Tarde* do Estado da Bahia informando que

[...] apesar dos 8,5 mil quilômetros de costa, o Brasil produz apenas 1 milhão e 50 mil toneladas de peixes, moluscos e crustáceos por ano, movimentando R\$ 3,2 bilhões. É quase nada diante dos 45 milhões de toneladas pela China. O peixe brasileiro ainda é predominantemente produzido por técnicas rudimentares: 60% do pescado é oriundo de 613 mil artesãos, na sua maioria analfabetos e com pouca mobilização (TAVARES, 2008, p. 22).

Paralelo a isso, Abdallah e Castello (2003) acrescentam que é possível recuperar parte da capacidade produtiva dos recursos marinhos, se tomarem medidas de gestão e de conservação para o controle de esforço de pesca. Uma das opções para aumentar a produção de pescado marinho, já adotada em muitos países, é o desenvolvimento da maricultura. Porém, advertem que essa atividade deve ser desenvolvida de forma sustentável, para que não venha a causar impactos negativos sobre o meio ambiente.

Não é de se estranhar, contudo, que o Brasil assumiu desde 2005 uma posição de destaque nas negociações internacionais sobre o subsídio à pesca, ao apresentar a Organização Mundial do Comércio uma proposta com vistas a tornar as contribuições do governo compatíveis com o desenvolvimento da pesca de modo sustentável, de modo que se preservem os estoques para a geração futura. Esse fato, porém, chega a ser mais um paradoxo: de um lado, o Brasil, rico em águas territoriais, com 13,7% de toda a reserva de água potável do planeta e 8,5 mil quilômetros de costa, tem em média um consumo muito pequeno de peixes e frutos do mar, quando o mínimo recomendado pela Organização

Mundial de Saúde é de 12 kg per capita/ano. De outro lado, a preocupação com a política de incremento à comercialização do pescado brasileiro nos mercados interno e externo abrange toda riqueza do país.

Não por acaso, o Brasil ocupa a 27ª posição no *ranking* da produção de pescado, com receita de exportação do produto inferior a 1% dos U\$ 55 bilhões que a atividade movimentava anualmente no mundo. Os principais recursos pesqueiros estuarinos e marinhos em exploração no país por região atualmente são: camarão rosa e piramutaba (Região Norte), camarões, lagostas, caranguejo-uça, pagos, garopas e sirigados (Regiões Norte e Nordeste), peixes de linha (Abrolhos e Mar Novo), sardinha, bonito listado e peixes demersais- castanha, corvina, pescada, - (Sudeste e Sul), atuns e afins (toda a costa). O relatório do IBAMA (2005) detalha os principais recursos pesqueiros, através das seguintes porcentagens: camarão 21,8%, sardinha 9,21%, tainha 4,08, arraia 3,9%, vermelho 3,67%.

Traçando esta realidade para o Estado da Bahia, segundo dados da Bahiapescas, órgão estadual responsável pelo extrativo da pesca, os dados estatísticos da Bahia referentes à produção pesqueira em toneladas (ton) estão assim estipulados:

<b>CATEGORIA</b>	<b>PRODUÇÃO (T)</b>	<b>(%)</b>	<b>FROTA EM ATIVIDADE</b>	<b>QUANTIDADE</b>	<b>(%)</b>
Peixes	40.752,50	13,63	Canoas	4.308	55%
Crustáceos	86,02	0,33	Saveiros	1.976	25,20%
Mariscos	6.461,69	159,68	Catraias	668	8,5%
Total	47.373,87	100,00	Barcos	552	5,3%

Quadro 1 – Dados estatísticos da produção pesqueira no Estado da Bahia (Fonte: <[http:// www.Bahiapescas.ba.gov.br](http://www.Bahiapescas.ba.gov.br)> Acesso em: 03,04, 06 fev.2008).

Já as informações contidas no boletim do IBAMA (2005) declaram que o desempenho do setor pesqueiro nacional é de 1.015, 914,0 toneladas de produção, com crescimento relativo de 2,6%. No que concerne à pesca extrativa marinha, a produção é de

500,116,0t. A da pesca extrativa continental é de 246.100,5 t; a de maricultura 88.967,0 t, a da aquicultura continental é de 180.730,5 t, sendo os principais mercados importadores dos produtos pesqueiros brasileiros os Estados Unidos, a Espanha, a França, os Países Baixos (Holanda), o Japão, Portugal, a Argentina, entre outros. E os principais Estados importadores são: São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Pernambuco, Bahia, Espírito Santo.

O camarão permanece como o principal produto da pauta de exportação brasileira, sendo responsável, aproximadamente, pela metade das vendas no exterior. Os Estados Unidos continuam a ser o principal mercado para os produtos pesqueiros brasileiros, enquanto que o principal fornecedor internacional de pescado é a Noruega. A produção estimada de peixes, crustáceos e moluscos da pesca extrativa marinha em todo o Brasil é de 500.116,0 toneladas(t), sendo 436.164,5 (t) de peixes, 53.947,5 (t) de crustáceos, 10.004,0 (t) de moluscos. Especificamente na Bahia, o total é de 44.745,5 (t), sendo 35.879,5 (t) de peixes, 8.777,5 (t) de crustáceos, 88,5 (t) de moluscos.

Importante salientar que o boletim do IBAMA oferece, do mesmo modo, uma lista de espécies constantes das tabelas de produções da pesca extrativa marinha, e divulga os nomes vulgares, sinonímia/terminologia, família e nomenclatura científica, a exemplo de:

<b>Nomes vulgares</b>	<b>Sinonímia/terminologia</b>	<b>Família</b>	<b>Nomenclatura científica</b>
Agulha	agulha branca	Hemiramphidae	Hyporhamphus unifasciatus
Aratu	-	Calaeidae	Goniopsis cruentata
Arraia	Raia	-	-
Baiacu	Baiacu arara e baiacu guará	Tetraodontidae	Logocephalus leavigatus
Camarão-rosa	Camarão-pistola	penaeidae	Farfantepenaeus panlensis

Quadro 2 – Lista de espécies da pesca extrativa marinha (Fonte: < <http://www.presidencia.gov.br/seap> >  
Acesso em: 19, 20 dez.2007).

Porém, conforme as observações de Abdallah e Castello (2003), na atualidade, os pescadores afastam-se cada vez mais da costa litorânea, devido à carência dos estoques pesqueiros, em uma época de comprovada existência de sobre-exploração de recursos de alto valor comercial, bem como a exaustão de determinadas espécies.

Essa realidade não é diferente na comunidade de Baiacu, onde é notória a escassez do pescado. De acordo com o pescador (J.S.P, 86 anos) “*antigamente tã fartura, variedade de peixe e marisco*”. Os pescadores atribuem a extinção do pescado ao misticismo e declaram que é “*porque Deus quê*” (J.A.G, 59 anos) . Eles não compreendem a real situação que os circundam.

#### 4.2 A PESCA ARTESANAL NA COMUNIDADE DO BAIACU

É de característica particular da pesca artesanal que as populações envolvidas habitem espaços próximos aos locais da pesca, como acontece em Baiacu. É habitando junto ao mar, nas áreas de terra ribeirinhas, que o pescador desenvolve o saber empírico sobre a sua atividade e controle do meio ambiente. É na relação entre a comunidade pesqueira e os recursos naturais, na forma particular de lidar com esses recursos, que se cria e recria este saber, passado de geração em geração, permitindo aos habitantes desses grupamentos deter o mínimo de controle sobre os recursos materiais e explorá-los como forma de sobrevivência.

Cerca de 22% da população brasileira se concentram na faixa considerada como beira-mar, e a pesca é uma atividade importante do ponto de vista econômico, social e cultural. Isso não é diferente em Baiacu.

Na letra da canção de Caymmi, o pescador tem dois amores, “um bem na terra, um bem no mar”. O compositor declama dois bens inestimáveis para o pescador, os quais fazem com que o homem do mar exerça a atividade da pesca com inspiração e, não com dados estatísticos. Esses bens não se encontram nos trâmites da lei. O bem do mar do pescador é o próprio mar, seu território de trabalho, de onde ele tira o seu sustento; e o bem da terra é aquela que lhe espera após a pescaria. São dois bens que representam dimensões fundamentais na vida do pescador: uma ligada à afetividade, aos laços familiares, e outra ligada ao trabalho como condição de produção da sua própria existência. Duas dimensões que não são ressaltadas nos trâmites legais da Política Nacional da Pesca, mas que são demonstradas na prática cotidiana da pesca artesanal existente na comunidade de Baiacu.



Para Diegues: “[...] O que caracteriza o pescador artesanal não é somente o viver da pesca, mas é sobretudo a apropriação real dos meios de produção; o controle do como pescar e do que pescar, em suma o controle da arte de pesca” ( DIEGUES,1983, p.197-198).

Em estudo sobre os “pescadores do mar”, Maldonado (1986) confere aos pescadores artesanais o conceito de indivíduos, cuja pesca se caracteriza por simplicidade da tecnologia e por baixo custo da produção, formados por referenciais de parentesco, sem vínculo empregatício entre as tripulações e os mestres (termo denominado por Maldonado como “mestres de botes”). De acordo com a autora, esse tipo de pescador tem na pesca a sua principal fonte de renda, e a produção volta-se para o mercado, sem perder, contudo, o seu caráter alternativo, podendo destinar-se tanto ao consumo doméstico como à comercialização.

Maldonado (1986) explica que os pescadores se agrupam em três instâncias associativas, que constituem a sua representação profissional: as colônias, as federações e a Confederação Nacional dos Pescadores. As colônias estão subordinadas às federações estaduais e à Confederação Nacional dos Pescadores. Como reza o capítulo I do Estatuto para as Colônias de Pescadores, as federações são associações civis constituídas por colônias dos principais centros pesqueiros e estão subordinadas à Confederação.

Conforme a Instrução Normativa nº. 03, de 12/05/04, Artigo 2º da Lei nº. 10.683, as pessoas físicas ou jurídicas só poderão exercer atividade de pesca e aquicultura com fins comerciais, se previamente inscritas no RGP-Registro Geral da Pesca.

A SEAP/PR (Secretaria de Aqüicultura e Pesca), por seu turno, declara que desenvolve um trabalho de ordenamento dos vários segmentos do setor, com atenção especial para o Registro Geral da Pesca (RGP). Conforme a SEAP, no início de 2006, já estavam devidamente cadastrados 380 mil pescadores no Brasil. Na Bahia, especificamente, foi um total de 36.851,00, o que equivale a 9,43% de pescadores recadastrados. Em Baiacu, com base no discurso do presidente da Colônia Z11, Antônio Monteiro, há 300 pescadores na comunidade, mas somente 150 são cadastrados.

Alguns direitos regulamentados por lei são ainda pouco conhecidos pelos pescadores, como por exemplo, a Lei nº. 8287, de 20 de dezembro de 1991, que dispõe sobre a concessão do benefício do seguro-desemprego aos pescadores profissionais que

atuam na pesca artesanal, também chamado de Seguro Defeso. Através desse seguro, o pescador e a pescadora têm direitos a receber um salário mínimo no período de quatro meses, devido ser a época da reprodução dos peixes conhecida como entressafra.

Outra lei é a de nº. 7.356, de 30 de agosto de 1985, que inclui os Pescadores profissionais, sem vínculo empregatício, no Regime de Previdência Social, na qualidade de segurados especiais. Esse benefício pode ser requerido também através da Colônia de pescadores, Associações ou Cooperativas, nas quais o pescador esteja associado.

A pesca artesanal é uma atividade totalmente orientada para o mercado, podendo destinar-se ao consumo doméstico. É uma atividade extrativista intimamente relacionada às condições ambientais, à poluição, à legislação ambiental e às questões sociais. Entretanto, tanto esta quanto o pescador artesanal são quase ignorados, assim como a importância econômica da sua atividade, no seu papel de sujeito ativo na reprodução social.

Os pescadores da comunidade de Baiacu utilizam a pesca artesanal como meio de sobrevivência. Trata-se do espaço onde se organiza socialmente a produção do pescado. Entretanto, com a implementação do sistema de transporte marítimo da Bahia, ligando a Ilha de Itaparica à Salvador, em 1960 e, posteriormente, com a construção da Ponte do Funil, ligando o continente à Ilha, observam-se significativas mudanças no contexto sócio-cultural e econômico dos nativos moradores da Ilha.

Os pescadores baiacuenses trabalham apenas com a canoa, a rede, os remos, os cofos, as velas, a cuia, a espadela, o traquete, seus principais apetrechos, e os moços.

A canoa possui apenas um banco. Pode ser chamada canoa de fibra ou canoa de pau, esta é a mais comum na comunidade. Os pescadores executam suas atividades individualmente ou em equipe, constando de quatro, cinco, seis ou sete *moços*, termo utilizado para designar homens que trabalham na pesca e, a depender da função que desempenham, recebem vários outros elementos designativos para o conceito MOÇO.

Independente dessas leis, esses homens se formaram pescadores, enfrentando o mar e o rio, os direitos por onde eles aprenderam a navegar e a pescar. A necessidade de pescar deu sentido à pesca para o pescador, que passou a conhecer e a utilizar com propriedade a canoa, os remos, a rede e todos os seus artefatos. Foi navegando, enfrentando o mar, e o rio que esses trabalhadores aprenderam a utilizar os instrumentos da pesca e a fazer uso do contexto, a seu favor, para observar a influência dos ventos, das marés, das chuvas.

Aprenderam a “ler o tempo” e a conhecer as vidas que habitam as águas, e assim, tornaram-se pescadores.

Aprendem todos os dias como a ação predatória de todos os homens está destruindo o mundo das águas e a sobrevivência de suas famílias. Seu trabalho justifica-se pela comunhão existente entre as equipes de pesca, a riqueza do convívio com aqueles que possuem uma “outra forma” de organizar a vida. Uma forma que é regida pelos fatores da natureza e da sobrevivência, constituindo-se em uma cultura que possui outras referências.

Suas vidas giram em torno de outro referencial de tempo. Não é mais o horário convencional que dita o tempo de trabalhar e o tempo de descansar. Eles simplesmente obedecem a um calendário que não combina com o funcionamento convencional que a maioria dos homens convive. É nesse contexto que a pesca artesanal da comunidade Baiacu se encontra inserida.

A intimidade com que os pescadores lidam com a rede, a canoa e o mar é de suma importância para se compreender o modo pelo qual se revelam as características daquele grupo, na maioria homens, jovens, senhores, semi-analfabetos que convivem à base da crença de uma boa pescaria. No labor da pesca, esses homens conversam, remam, sorriem, fazem oração, comem, fumam e bebem. Mas, quando eles percebem que estão próximo ao local que irá servir para a pescaria, todos compartilham de um mutismo que pode levar horas, a depender do ‘lanço’. Esse ato revela o que Santos (1996), ao citar D’Onofrio, afirma:

[...] é no nível da ação laborativa que se dá a correspondência mais significativa entre o sistema da língua e o sistema da cultural material em razão de que as ações laborativas atualizam-se graças a um conjunto de convenções que uma dada época histórica julgou necessário observar graças a uma valoração coletiva que lhe atribui um sentido (SANTOS, 1996, p.90-91).

Através da simplicidade, os pescadores, distribuídos em equipes de pesca, atribuem significado à estrutura da língua, à meteorologia, à ecologia e muitos outros conhecimentos que fazem parte de sua cultura. Esses homens possuem sabedoria sobre o mar e os fatores naturais que regem o seu funcionamento (os ventos, as luas, as chuvas, as marés).

A pesca em Baiacu ocorre em qualquer momento, mas “*para o lãsu certo, depende da marê*” ( J.A.G., 59 anos). Na prática, os pescadores trabalham primitivamente e, quase

sempre, fazem comparação dos colegas de trabalho com os pescados, a exemplo de: “*Jacundá*” (codinome de um dos pescadores) ser comparado com o peixe bagre branco. Basílio (1995) explica esse fato como um processo de nomeação metafórica, em que o sujeito atribui apanágio de objetos, animais e coisas às pessoas e, ao invés de caracterizá-las por critérios objetivos, estabelece para elas uma descrição em termos de propriedades transferidas em termos associativos.

Alguns mestres de rede em Baiacu são supersticiosos em relação ao uso de sapatos no momento em que se pesca. Afirmam eles que, de acordo com o que aprenderam com os mais velhos, “*usá sapato, dá azã*” (J. A., 49 anos).

São fenômenos ocorrentes e que podem revelar questões essenciais quanto à formação do léxico. Esses pescadores travam diariamente uma batalha com o mar, para tirar dele o seu sustento material: os peixes e, ao mesmo tempo, oferecem a possibilidade de se fazer um estudo sincrônico dos seus padrões lexicais.

A pesca em Baiacu é uma batalha que se torna mais difícil quando se percebe que os peixes se esgotam, rapidamente, a ponto de quase inviabilizar a sobrevivência por meio da pesca artesanal. Muitos são os motivos, como o aumento de pescadores, (há, aproximadamente, em Baiacu, duzentas canoas para o equivalente de trezentos pescadores registrados, além dos informais); o tipo de linha (na comunidade, a maioria usa malha 08) e a escassez do pescado, devido à agressão ao meio ambiente, entre outros fatores.

Antes de lançar a rede ao mar, os pescadores observam o melhor local, geralmente na “cabeça da coroa” (metáfora conceitual para expressar o local onde se pesca ou marisca), para dispor a rede que, quase sempre, fica submersa na água, devido ao uso de “chumbadas” ao redor. Após um determinado tempo, os pescadores vão em busca da rede e a reencontra, por causa das bóias de isopor que se acham dispostas em umas das laterais da rede. Para essa arte, os pescadores denominam “rede de ressar”.

A partir desse ato de pesca, pôde-se perceber que os pescadores demarcam as áreas de pesca em que se devem trabalhar, as quais recebem as denominações de “pesqueiros” e “coroas”. Entretanto, essas áreas não são marcações definitivas e, geralmente, são descobertas através do saber empírico dos mais velhos, conforme se pôde observar nos momentos das pescarias de “ressar” e de “tapasteiro” (‘pesqueiro’), realizadas pela equipe do Sr. C.C.G (32 anos) e do Sr. A.M. (64 anos), Sr. I. R.(45 anos), e Sr. N.S. (44 anos).

O pescado pode ser comercializado logo após a sua captura. Geralmente, é comprado pelos “atravessadores”, que podem ser mulher ou homem, ou ainda, transformado em alimento para a subsistência dos moradores. Antes de compartilharem a venda do pescado, os trabalhadores do mar distribuem em partes iguais o “quinhão” para cada moço, para o mestre de rede e o dono da canoa, a parte que cada um tem por direito. Segundo eles, “*o quinhão é sagrado*” (A.G., 56 anos). É a distribuição entre os pescadores do resultado da pesca.

No verão, geralmente, é massiva a participação da mulher no ato da compra dos pescados, devido ao fato de as jovens negociantes estarem de férias escolares. Conforme mestre N.S. (44 anos), “*o melhô momento de revendé o pexe é no sábado ou nas data festiva, e tamém nu verão, porque a vendage é mais rápida e pode cobrá mais caro*”.

Às vezes, o próprio dono da rede é o atravessador e, além de receber o quinhão, compra grande parte do pescado. São homens, mulheres e jovens que vivem na prática de compra e venda da pescaria. É o único momento em que o pescador apresenta o resultado do seu dia de trabalho.

De acordo com os pescadores, durante o verão, os peixes capturados no estuário são a tainha, a sardinha, o xaréu, o cabeçudo, o sambuio; no inverno são o barbudo, o xangó, o miroró. Atualmente, os únicos peixes que são capturados na comunidade do Baiacu são xangó e massambê. A depender das fases, os peixes recebem alguns nomes, como por exemplo, na fase autogenética “*quando ela é pequena é mûdego, azetera, quando é grande é taia, igual a pititinga*” (C. P. N., 66 anos).

Os pescadores da comunidade de Baiacu categorizam e agrupam os peixes por semelhanças e diferenças. As primeiras são evidenciadas através de expressões tais como “*é igual, o mundego, a azetera é igual a taia, só que é mais novia e pequena*” (J.S.P., 86 anos). As diferenças são salientadas através de caracteres morfológicos, de gênero e de cor: “*o mûdego, o massambê é pexe macho, azuzão, verdão, quase branco, a azetera, a pititinga, a taia é feme, brãqã*” (J.S. P., 84 anos).

Com base em Costa Neto (2001), a fase antogenética, assim como outras fases, é um sistema hierárquico e sequencial que os pescadores utilizam para classificar os peixes dessa etnofamília. Entretanto, do ponto de vista de Lévi-Strauss (1987), existe uma necessidade intelectual para classificar o mundo natural, porque é inerente ao ser humano ordenar.

Este fato remete, do mesmo modo, à teoria de Lakoff e Johnson (2002) sobre a categorização. Para tais autores, os processos de categorização são influenciados culturalmente (categorias cognitivas) e organizados em padrões lógicos (estruturas taxonômicas), distintos para cada sociedade. A teoria de Lakoff e Johnson aborda o realismo experiencial. Nessa teoria, semas são expressos por *containers* (recipientes). O sistema conceptual dessa teoria é metaforicamente estruturado e, os conceitos, na sua maioria, são parcialmente compreendidos em termos de outros conceitos.

A prática da pesca serve para compreender o que Sapir (1954) dizia sobre a linguagem e sua definição, pois, afinal, cada língua recorta a realidade de um modo particular.

#### 4.3 MÉTODOS DA PESCA

Os métodos de pesca são utilizados diretamente na captura de peixes e outros animais aquáticos, e pertencem ao grupo das chamadas “artes passivas”, pois o próprio animal as procura, normalmente como refúgio, ficando nelas aprisionado. Também as armadilhas de diversos tipos são métodos de pesca muito populares.

De acordo com a Secretaria Especial de Aquicultura e Pesca/SEAP/PR, no artigo 11 da lei nº. 10.683 de 28 de maio de 2003, na Seção III das Permissões de Pesca e de Registro de Embarcação Pesqueira, entende-se como método de pesca o processo pelo qual as atividades de captura, extração ou coleta se realizam, considerando os equipamentos, as artes ou apetrechos de pesca utilizados, podendo ser:

- a) pesca de arrasto: a que se realiza com o emprego de rede de arrasto tracionada por embarcação pesqueira, com recolhimento manual ou mecânico;
- b) pesca de linha: a que se realiza com o emprego de linha simples ou múltiplas com anzóis ou garateias, com ou sem o auxílio de caniço ou vara;
- c) pesca de espinhel ou “long-line”: a que se realiza com o emprego de linha mestra da qual saem linhas secundárias, onde são fixados anzóis;

- d) pesca de rede-de-espera: a que se realiza com o emprego de rede-de-emalhar não tracionada, fixa ou a deriva, seja de superfície, de meia água ou de fundo;
- e) pesca de armadilha: a que se realiza com o emprego de apetrechos do tipo “armadilhas”;
- f) pesca de cerco: a que se realiza com o emprego de rede de cercar, com o auxílio de embarcação;
- g) pesca de tarrafa ou rede de caída: a que se realiza com o emprego de rede circular lançada manualmente;
- h) outros apetrechos, como exemplo, cita-se a camboa.

Com base ainda no artigo 11 da lei nº. 10.683 de 28 de maio de 2003 da Secretaria de Agricultura e Pesca - SEAP, na Permissão Prévia de Pesca, bem como na Permissão de Pesca, todos os métodos de pesca, todas as espécies a capturar, bem como a respectiva zona de operação deverão estar especificados pelos pescadores. Alguns desses métodos são prejudiciais a centenas de espécies, como por exemplo, o método da pesca de arrasto. Esse método pode ser comparado ao corte raso de florestas primárias. Tipo de atividade que destrói tudo que está em seu caminho. A fim de pescar poucos peixes, centenas de espécies (algumas das quais ainda não identificadas) são destruídas. Os pescadores da localidade de Baiacu chamam esse tipo de método de “[...] rede miúda ou calão. *Antigamente, era cûecida como mala aberta, de quinze, o cope, até trinta as ponta. Oje é otcho milimeto, dez até a ponta.*” (R.S. 70 anos).

No dizer do presidente da Colônia Z-11, Sr. Antônio Monteiro, responsável pelo cadastramento dos pescadores naquela comunidade:

*Essa rede miúda é uma carnificina. Antigamente, a pescaria era diferente tîamos espécies em abundância, iscolhíamos. Oje, não. O pescadô come o que vié, devido a quantidade de apetrecho e da rede de arrasto, que oje se chama de taïera. Era raro, mas oje todo pescadô tem. Antes, era a rede de arrasto, casuera e camarão. Era feita de fio, usava a tinta de mangue para dá segurança e num apodrecé e oje surgiu a de nalho que é carnificina. O pau de mangue era vermelho, pintávamos com o cordão para não apodrecé fácil. A rede de náilon é pió que a própria bomba, porque o peixe morre de imediato e não dura muito. Já falei com o IBAMA sobre a malha dessa rede, que é malha oito e é a mais usada, é carnificina. Tudo o que é espécie morre, solicitamos para só se trabalhá com a malha doze, a de camarão, porque pega o produto já criado.*

Em relação ao método da tarrafa, Costa Neto (2001) informa que:

É um instrumento pesqueiro de origem portuguesa, propagou-se no tempo pós-colombiano, com tal rapidez entre os indígenas brasileiros que hoje em dia, parece um elemento cultural ameríndio, pois entrou até na mitologia indígena (COSTA NETO, 2001, p. 37).

E para o método de pesca “camboa”, Costa Neto (2001) o descreve como:

Uma das formas pelas quais certas áreas do mangue são temporariamente possuídas pelos pescadores (...). Trata-se de uma armadilha móvel construída a partir das palhas de piaçava, as quais, transformadas em esteiras, são unidas umas às outras para formar um cercado visando o aprisionamento do pescado ( COSTA NETO, 2001, p. 39).

A “camboa” é um instrumento de pesca armado em determinadas áreas do estuário. Em Baiacu, os pescadores não fazem mais uso da camboa que, conforme eles *“pudia sé tapastero (( se móvel )) ou de pau (( se fixa ))*. *Oje, num ãxiste mais, apenas na Ponta Grossa usa a cãboa pra pescá.*” (I. R. S., 45 anos). De acordo com E. L. A. ( 29 anos), *“a cãboa é um tipo de travessa, enche de vara pela rede toda, é muito maió que a travessa. Num ãxiste mais, só em Ponta Grossa”*.

Outro método utilizado pelos pescadores é o método da rede de camarão que, conforme J.G. (58 anos), *“a rede de camarão tamém acaba cum o peixe, porque da mala da rede”*. Segundo ele:

*Os pescadô num comenta sobre isso, mas com essa rede vai chegá época que num vai té o que pescá . Essa rede miúda é uma distrusão, pesca de tudo o que se pensá. Eles compra essa rede, o dono da loja não qué nem sabé. As autoridade tem que sabé. Aqui tem setenta rede, toda note a pescá. Tá difíci, num cunsegue mais achá pexi padronizado, no tamão de morré.*

Percebe-se que, para amenizar essa situação, faz-se necessário uma resolução governamental em que se adote uma moratória imediata para as redes de arrasto. Ainda assim, os pescadores da comunidade de Baiacu fazem uso tanto do método da rede de arrasto, tão devastador a espécies marinhas, como de alguns outros métodos, diante dos



quais demonstram diferentes jeitos de ser e de saber.

Os métodos de pesca, que para os pescadores são denominados de “panagem”, fazem parte do cotidiano desses homens, e os principais utilizados por eles são:

- a) Rede de arrasto: “*pega todo tipo de pexi, só pode pescá cum seis ou sete mosu*” (J.S.P., 86 anos);
- b) Rede de camarão: “*pescá cum quatro mosu, tripulante, omi*” (Z.N., 40 anos);
- c) Rede de tainheira: “*é a redi de naço, pega camarão, pescada, cabisudo. Pesca de um a dois omi, mosu, é redi que serve pra ressá porque a redi anda cum a marê*” (J. A., 49 anos);
- d) Rede de calão: “*pega tudo, é a mais garantida porque da altura e é grande. Pesca cum dez a doze mosu, omi, quase a merma que de calão*” (R.S., 70 anos);
- e) Caçoeira: “*redi que pesca pex grande*” (A.G., 59 anos);
- f) Manzuá: “*pescá siri, carãejo*” (O. C. 72 anos);
- g) Rede de xangô: “*é a arti que pega xãgô, pititinga*” (I.R.S., 43 anos);
- h) Calãozinho: “*é a redi de azetera que oje chama de taïera*” (J.A., 49 anos);
- i) Calão grande: “*pescá cum duas canoa, redi que tem de puxá*” (N.A. 44 anos);
- j) Groseira: “*pescá de ãzol e lã cum um pau amarrado, aberto, pega qualquer pexi, principalmente arraia, miroró. Tem divisãs cum lã e ãzol. É um tipo de arte feito de lã e ãzol e em cada brasa coloca o ãzó, é perigosa porque o pexi fica todo solto*” (O. C. 72 anos).

A “groseira” é utilizada na captura de peixes de grandes dimensões, trata-se de um apetrecho de origem portuguesa, que consiste em uma corda de nylon grossa na qual são amarrados, de forma espaçada, anzóis grandes geralmente iscadas com peixes ( COSTA NETO, 2001, p. 38).

No sul do Estado da Bahia, “calão” refere-se a uma rede de arrasto utilizada para a captura de peixes e camarão, confeccionado com nylon 16 e manejada por um grupo de pescadores na praia e por outro, em uma canoa (COSTA NETO, 2001, p. 40). Em Baiacu, o calão refere-se a “*um tipo de redi grande que ninguém utiliza, só quem tem é Barão. Propo pra pex grande porque é muito pesado e os menino qué algo mais leve*” (J.S.P., 86 anos).

Em relação ao método de rede calão, os pescadores acrescentam que:

*Naquela época tãa a redi calão, calãozão, arte de travessa, camboa de pau, ahente puxava o lãsu no fundo, no canal. Oje, chama redi de xãgó ou arrasto. Saiu tamém uma nova moda de pescá de anzó, bota ramo na cabeça da coroa, que é um marapé, lóbo branco, raso. Pasa uns dia, um mês, e depois vai pescá o pexi de lãa com anzol. È a pesca de lãa. O calãozão era uma mala vint'cinco para pegá azetera. A travessa era um bocado de redi, tapava a insiada e pegava a otra ponta em otra vara e cercava pra terra e ia andano pra otra ponta. A camboa de pau fazia uma cerca tipo um cope, feita de pau em cima da coroa. Tamém avia a camboa de redi, vara ificada na bera do mangue, amarrava a vara e imbaxo tãa uma forçila, pedaso de pau, cãbito. Agora, arte taïera, larga a redi pela beradãa de mãgí e dexa a maré secá. Essa é a taïera de oje (J.A., 48 anos).*

*Ïxiste oje dez tipo di redi, redi di xãgó, redi di camarão, que é a redi di arrasto; redi di arraera; redi di gruzera, que é a de anzó; curumãzera, que pega pexi grande, curimã; taïera, pega camarão e taïa; redi di resa, é a mais aberta pra camarão, é a de vint'cinco. Antes, tãa a travessa, bocado de redi que fechava a enseada toda; o calãozão; o calão grande, que ninguém pesca mais, só pesca mais no fundo. Oje, é a gruzera, no lugá da travessa porque ta difíci pexi grandí, o mais populá é a taïa (O. C., 72 anos).*

*Naquela época, não é a merma de oje. Sobre a arti, antes sempre foi taïera, calão de puxá. Agora, é redi de arrastu, calão de puxá cum a mão. Antes, tãa o calãozão, redi de abalo porque cerca e bala o pexi, roda a vara den' d'água com o remo, faz com duas canoa, três mosu em uma canoa e três em otra. Tãa o calão, que é a redi de puxá com seti, oito omi, mosu. Agora, é taïera. A redi dizoit é a de camarão, aquela de arrasto com nalo azul. A redi 20 e vint'cinco é de taïera, nalo incoló. A redi de xãgó, usa o chumbo, as pedra. A de camarão, num. Usa corda grosa (RS, 68 anos).*

Durante a pesquisa, quatro métodos de pesca foram vivenciados, a exemplo de “pesqueiro”, “balar”, “ressar”, e “arrasto”. Cada um desses métodos é concretizado de distintos modos.

Na pesca de arrasto, a canoa com a rede dobrada dentro é conduzida pelos pescadores para descer à lama do porto, em direção ao mar. Os pescadores, de um e outro lado da canoa, empurram a proa e, logo em seguida, a popa para a água. Não demora muito para a embarcação estar no mar. Todos tratam de subir na canoa. Requer força para empurrar a canoa, um tronco de árvore cavado, solta para navegar, deitada nas ondas, capaz de ir longe. Na hora de fazer o “lanço”, os homens ficam sobre um lugar denominado “coroa”, ou “lombo”. De um lado, os moços abaixadores e o contra-popeiro; de outro, o popeiro e o pé de banco; em uma outra extremidade, encontra-se o mestre, ou proeiro, que

fica a auxiliar os moços para que eles puxem a rede, lançada ao mar, quando ainda dentro da canoa.

O mestre lança a rede ao mar com a ajuda do contra-popeiro. O abaixador e o pé de banco são os primeiros a descer da canoa para lançarem a rede e a corda ao mar. O contra-popeiro, o largador e o pé de banco amarram a corda na cintura e puxa-a para si. O mestre e o abaixador seguem o mesmo ritual. As cordas, nas cinturas dos moços, certificam que a rede está fixa e cercada. De início, os moços ficam parados, enfileirados (lembra a imagem simbólica dos negros acorrentados no poema de Castro Alves). Mas, é algo belo, ritmado e cadente. Não há horror, apenas admiração.

É preciso vivenciar para perceber o quão significativo e simbólico é o momento da pesca. É uma recomendação clássica da Etnometodologia que, ao estudar a realidade, o pesquisador procura ir às coisas, analisar contextual e interpretativamente, ir ao campo, ver para compreender de forma situada.).

Segurando a ponta de corda submersa à água, a outra ponta serve para dar a volta na rede. É a puxada da rede. Os moços dão passos lentos, depois param. Continuam a puxada. Todos no mesmo movimento, parece uma dança. Os pescadores são pura expectativa. Quando eles jogam a rede sobre a água é só uma faixa de malhas. Sob a água, a rede se transforma, deixa de ser um monte de buraco amarrado por uma porção de nós e vira misteriosa muralha para pegar peixes.

A rede fica pesada, o moço abaixador (é o que tem a função mais perigosa, por isso ganha um pouco a mais que os outros) desce às profundezas do mar, na tarefa de verificar se há peixes dentro da rede. Essa função é desempenhada com os pés e as mãos. Os demais pescadores fecham toda a rede para que o peixe não venha a fugir. Alguns peixes escapam por entre as malhas. A maioria fica se debatendo no fundo da rede, juntamente com as algas e os camarões. Os pescados correm por entre as pernas, os braços e próximos aos olhos dos pescadores. É tudo muito rápido. A pescaria vista desse ângulo é uma partilha harmoniosa que exige força física. É todo um conjunto. Conforme assegura mestre J. A. (49 anos) “*só veno pra pudé sabé o que é*”.

Caso no primeiro lance ou no primeiro momento de pesca, não se consiga fisgar peixe suficiente, os pescadores repetem todo o ritual. Em seguida, recolhem e limpam a rede. Ao chegar ao porto, estendem-na sobre o alto dos paus, que eles chamam “tendar”, ou

então, sobre a areia do mar.

Enquanto resolvem a quem vender, geralmente àquele que pagar mais, o mestre de rede separa o quinhão de cada um. É uma profissão perigosa e requer, no dizer de mestre R.S. (70 anos) “[...] *paciência e sabedoria*”. Para iniciar esse tipo de pesca, espera-se a maré vazar, e para finalizar, aguarda-se a enchente da maré.

Em relação à pesca de ressar, esta é realizada dentro da canoa. O pescador precisa soltar a rede ao mar, ao mesmo tempo em que rema a canoa. Passado alguns minutos, ele a recolhe, devido ter sido localizada através do uso de uma bóia de isopor colocada em uma das extremidades. A arte de ressar é a menos trabalhosa para o pescador.

O método de pesca “balar”, caracteriza-se como um tipo de pesca que se pratica de dentro da canoa, os moços não precisam descer da embarcação. Os pescadores soltam a rede que se encontra fixada a uma pedra e a uma bóia de isopor. De acordo com A.S.M., (64 anos) “[...] *tem que cercá parte da coroa para balá. Depois, comesá a baté o remo na canoa e o pé de vara, no má, para espantá o pexi que, assustado, mañ de imediato para a redi. Isso é o balá. Bala quantas veiz considerá necessáro*”. Antes, porém, os pescadores escolhem o melhor local para jogar a rede. A experiência é quem direciona o mestre. De acordo com Sr. A.S.M. (64 anos) : “*marco o locá na experiênsa, na memóra. Mas, tem pescadô que marca a cabeça da coroa cum uma vara.*”

O pesqueiro é outro tipo de pescaria, em que o pescador dispõe de alguns morões de pau retirados geralmente do mangue, e coloca-os armados, em forma de círculo próximo a uma coroa, local onde a maré seca rapidamente, circundado com rede de tapar ou tapasteiro. Segundo C.G (32 anos):

*Antigamente, a pescaria era mais essa, a de pesquero. Pãava duzentos, trezento taña. É uma paciência esperá a maré secá tudo, até vé se tem pexi no pesquero. Aguardá uma ora e mea até baxá o má e cumesá a pesca.*

De início, os pescadores retiram a rede que está a circular os morões; depois, os morões. Em seguida, adentram o pesqueiro que é constituído de folhas secas de mangue vermelho que servem para atrair os peixes. De posse do pesqueiro, os pescadores começam a retirar os peixes que ali se encontram, principalmente, a tainha.

Essa técnica de pesca em Baiacu baseia-se nas operações de atribuição de sentido

aos objetos e aos comportamentos, e também na base da própria definição do indivíduo como membro de uma sociedade, na base de constituição dos processos identitários, e na referência às atividades organizadas da vida cotidiana, conforme assegura Braga (1988), ou, como revela Macedo (2004):

Para pesquisadores interessados nos sentidos locais das expressões dos autores sociais, o mundo é sempre conceitualizado, tematizado, tudo para o homem tem um nome, e a linguagem tem um irremediável caráter constitutivo. Daí o lugar privilegiado dos atos de linguagem, e da polissemia advinda do exercício cotidiano de comunicar-se. [...] A partir das elaborações de Garfinkel se fortalece definitivamente o argumento de que a constituição social do saber não pode ser analisada independentemente dos contextos da atividade institucionalizada que o produz e o mantém (MACEDO, 2004, p.61;112).

Além desses métodos de pesca, citam-se outros : “pesca recreativa” (forma mais simples de pesca, em que o indivíduo fica isolado com uma cana ou uma rede de pesca); “pesca a linha” (uma das principais formas de capturar peixe pelo fato de o material ser de fácil aquisição, é o principal método de pesca de subsistência em rios, lagos ou junto à costa); “pesca de emalhe” (outra forma de pescar relativamente simples, que consiste, na sua forma mais básica, no uso de um retângulo de rede com flutuadores em uma extremidade e pesos na oposta, que é lançada à água, em um local onde se saiba haver cardumes de peixe a nadar, os quais ficam “emalhados”, ou seja, presos nas malhas de rede, normalmente pelos espinhos ou opérculos); “pesca de cerco” (uma das variantes da rede de emalhar, em que a rede é colocada em volta de um cardume e o cabo do fundo pode ser puxado, até formar um saco, onde todo o peixe fica aprisionado).

Cabe salientar que, no nível industrial, há pescarias que utilizam gaiolas construídas em plástico ou rede segura em uma armação metálica. Esse tipo de pesca, recentemente, é praticada em Baiacu. Os pescadores afirmam que é de fácil manuseio, além de ser mais prático para captura de siris.

São muitos os métodos de pesca. São esses os métodos que impulsionam os pescadores a dirigirem-se ao mar em busca do pescado.

#### 4.4 AS EQUIPES DE PESCA

As primeiras ocupações humanas de pesca na comunidade de Baiacu foram realizadas pelos indígenas tupinambás, e a atividade de pesca desenvolvida naquela localidade é do tipo artesanal. Estudos indicam que as atividades de pesca do tipo artesanal sobressaem-se pelo fornecimento significativo de recursos pesqueiros, estando o segmento traduzido por duas atividades distintas: a pesca e a mariscagem.

A pesca determina todos os aspectos da vida dos moradores Baiacu, em que eles retiram o seu sustento, as relações interpessoais, os medos, as alegrias. Pescar faz parte do cotidiano daquelas pessoas, é o símbolo maior daquela comunidade, é intrínseco à cultura local, e apresenta-se como uma atividade tipicamente masculina. A mariscagem compreende o ato de pescar e catar os mariscos, é realizada basicamente pelas mulheres. Como assegura o mestre R.S. (70 anos): *“a pesca é pra omi, mulé se dedica a mariscada”*. Entretanto, a declaração do mestre R.S. contrasta um pouco com a visão da marisqueira C.S.B. (74 anos), *“os omi agora tão criano gaiola pra pegá aratu. Antes, eles num faziá essa ciência de marisco, só mulé.”*

Talvez esteja ocorrendo uma mudança, atualmente, no tipo de atividade desenvolvida pelo homem, que não se restringe apenas ao ato de pescar.

O “expediente” na pesca, como se afirmou, anteriormente, é marcado pelo movimento da maré, da lua e do vento. As marés são os fatores ecológicos mais importantes no estuário, principalmente devido ao mar perturbar o posicionamento das estratégias de pesca.

O aprendizado da pesca, normalmente, ocorre através da convivência dentro do grupo e da transmissão oral, assim como da observação da maré. Grande parte dos pescadores nem sequer possui o primeiro grau completo. São, portanto, profissionais com pouca qualificação, pelo menos no tocante ao chamado mercado de trabalho. É raro, em Baiacu, um filho cujo pai é pescador não seguir a profissão paterna.

Para Costa Neto (2001), a atividade pesqueira requer dos pescadores um conhecimento etnoecológico, estudo científico das relações do homem com o peixe, que possibilita a utilização dos recursos pesqueiros e garante a práxis. O pescador acumula

conhecimento sobre a pesca baseado na experiência, e seu registro é mnemônico, transmitido geralmente pela tradição oral de geração em geração.

Segundo Sachs, citado por Costa Neto,

[...] a melhor forma de explorar os recursos naturais é aquela que usa o conhecimento tradicional. Esse conhecimento é passado adiante através das gerações pela transmissão cultural e registrado como símbolos, fonéticas, narrativas, rituais, música e dança [...], estando embutido nas mentes das pessoas sob a forma de memes (termo usado por DAWKINS (1979) para identificar fragmentos unitários da informação cultural capazes de serem armazenados nos cérebros e comunicados entre indivíduos de forma comportamental, inclusive verbalmente [grifo de Costa Neto] (COSTA NETO, 2001, p.14-15).

A tarefa de transmitir a experiência pesqueira cabe ao mestre de rede, pois é a pessoa mais experiente e respeitada pelo grupo na comunidade de Baiacu. De acordo com estudos de Maldonado (1986, p. 24), em muitos grupos registra-se a experiência como princípio orientador da composição dos róis de pesca e da escolha do mestre, o que confere prestígio, habilidade com os instrumentos e conhecimento do meio marítimo. Isso ocorre, por exemplo, entre os pescadores de Arembepe, na Bahia, estudados por Kottak (1966), em que a escolha dos mestres de saveiro se faz pela tradição e experiência. Eles devem ser pessoas dotadas até de certas habilidades especiais transmitidas com herança de pai para filho e fundamentais para a boa pesca. Um exemplo disso é a capacidade de localizar cardumes. Em Baiacu, durante os momentos em que se vivenciaram as práticas de pescaria, observaram-se algumas destas habilidades no mestre de rede, sobretudo nos homens mais velhos.

A equipe de pesca é constituída tanto por parente, como por pessoas da própria comunidade. Os moços auxiliam na remada, na soltura e no recolhimento da rede. Além de desempenharem essas funções, passam a ter uma importância significativa para a cultura da pesca local, uma vez que é no desenvolver dessas atividades e no convívio com pescadores mais experientes que adquirem valiosos conhecimentos sobre o ambiente e os seus recursos, o que pode torná-los aptos a serem futuros mestres. Em Baiacu, entretanto, alguns jovens, atualmente, desempenharam a tarefa de mestres e donos de rede, sem passar por etapas essenciais para aprendizagem da pesca.

Nesse sentido, traçam-se algumas considerações acerca de cada equipe de pesca da comunidade de Baiacu. Cada uma delas contribui e serve para (re)conhecer quem são estes

grupos, portadores de experiências que os tornam sujeitos de suas histórias, produtores de uma cultura e de uma riqueza lingüística que a sociedade letrada nem sempre reconhece.

**a) EQUIPE DO Sr. JOÃO SOARES DA PAIXÃO** (Codinome “Moreno”)

↓       ↓       ↓       ↓       ↓       ↓

Benedito Cláudio Elenilson Júlio Nascimento Zito

Conhecido pelo cognome Moreno, mestre João da Paixão (J.S.P.) é o mais antigo pescador da comunidade, e continuava na ativa. Dos 86 anos, 68 desses foram para servir à pesca. Desde os 18 anos, que aprendeu a arte de pescar. É, ao mesmo tempo, dono e mestre de rede. Recentemente, o mestre Moreno sente muito em não poder pescar como antigamente, devido a problemas de saúde provenientes do contato constante e duradouro com o sol e o salitre. Mestre João diz que sempre quis ser pescador, profissão que aprendeu com o pai e com os mais velhos: *“fiquei infruído com a pesca, não pensava em outra coisa”*. Para ele,

*A pescaria de oje é mais ambiciosa do que naquele tempo. Naquele tempo, todos os mais novo ficava observano os mais velho pra aprendé. Oje, os jovi vão pescá pra ganhá e não pra aprendé. O pescadô mais jovi é diferente porque eles diz que vão pescá e na ora, num aparecé. Naquele tempo, você ia e pronto.*

O “Moreno” (conforme gosta de ser chamado) diz gostar mais do verão, porque *“nesta estação quem governa o má é o omi”*. Ele tem uma relação de amor e respeito para com o mar. Declara sentir muito, pelo fato de o IBAMA não interferir nas ações dos bombeiros, pescadores oriundos de outras localidades com a intenção de pescar por meio de bombas caseiras ou de fábricas nos locais pertencentes aos pescadores do Baiacu. Revela também que *“a coisa mais linda que nós temo é a maré, o má, pois é a nossa alimentação pros fílo, amigo”*. Mostra-se conhecedor do cadastramento realizado pela SEAP, que tem por intermédio a Colônia de Pescadores Z-11.

Alto, sereno, tranqüilo, assim é o “Moreno”, impecável no seu hábito de vestir-se bem: calça, camisa de manga comprida e chapéu. Bem vestido, na sua simplicidade de



pescador. Confessa que durante a juventude era um excelente jogador, com direito a torcida organizada. Mestre “Moreno” é dono de um saber empírico impressionante, mostra-se conhecedor da natureza e do tempo, interpretação que faz através das fases da lua, dos ventos e das marés.

De acordo com o mestre “Moreno”, cada mestre tem sua equipe de quatro ou mais moços, e aquele que forma e escolhe a equipe é o mestre e assegura que, *“pra sé mosu o pescadô tem que aprendé. Com um mês ou mais, o mosu não precisa ser mais chamado à atenção, mas para sé pescadô tem que aprendé premero”*.

A equipe do sr. Moreno, denominada por ele de “tripulação”- é composta de sete moços ou homens, incluindo o mestre de rede. Até o momento, fazem parte desta equipe os Senhores Benedito (popeiro), Cláudio (contra-popeiro), Elenilson (pé de banco), Júlio (corticeiro), Nascimento (abaixador), Zito (abaixador, às vezes, substitui o mestre).

Sr. Benedito e Sr. Nascimento são irmãos. Desde os 13 anos começaram a pescar, arte que aprenderam com o pai e com o Sr. “Moreno”. Sr. Zito, também filho de pescador, começou a pescar aos 10 anos de idade com o pai e também com o Sr. “Moreno”. O Sr. Elenilson pesca há mais de 30 anos com o Sr. “Moreno, com quem *aprendí de verdade a pescá*”. O Sr. Cláudio é o irmão de Zito. Tem apenas 17 anos, é o mais jovem da equipe. Sr. Júlio é filho de criação do Sr. “Moreno”. Desde os 10 anos de idade que pesca com seu pai adotivo.

A “tripulação” do Sr. “Moreno” faz uso de dois tipos ou métodos de rede: a rede de arrastão, que serve para *“pescá pexi graúdo”*; e a rede de xangó, que pesca *“pexi miúdo”*, segundo os moços dessa equipe. O mestre “Moreno” diz que *“só anda [entende-se pesca] com a maré tardera, no oráro das seis (18) ou sete (19) horas, ou a maré nova, das três (03:00) ou quatro (04:00) ora da mãã”*.

Logo, a equipe do Sr. “Moreno” consta de um mestre ou proeiro, personagem principal e obrigatório nas pescarias, dois abaixadores ou abaixa redes, dois largadores, um contra-popeiro e um popeiro. Segundo o Sr. “Moreno”, todos os moços recebem essa denominação, a depender da função que desempenha na hora da pescaria. O mestre “Moreno” deixa transparecer também a saudade da época em que pescava peixes, tais como: *“os sauvagen, como casão, tubarão, mas afugentaro porque da persegisão da red que é muito oje”*. *O que tem na maré é só xãgó, massãbê, pescada”*.

## b) EQUIPE DO Sr. MANOEL CONCEIÇÃO

↓       ↓       ↓

Arlindo Antônio Manoel Júnior

O mestre Manoel Conceição (M.C.) tem 48 anos. Todos o conhecem pelo codinome “Budião”, apelido referente a um peixe de mesmo nome. É dono e mestre de rede. É raro, na comunidade de Baiacu, o pescador ser ao mesmo tempo dono e mestre de rede. A maioria de comerciantes da pesca que detém o poder de ser dono da rede.

A maior parte dos anos vividos do Sr. Manoel foram dedicados à pesca. Diz ele que só estudou até *“o primero ano de vida colegial, porque gostei mais é de pescá”*. Entrou no ramo da pesca aos dez anos de idade. Aprendeu os segredos do mar *“com as pessoa mais velha”*. Para ele, *“a pesca agora tá mais difíci, antes era melhô, a fartura era mais. Agora, vem bombero da Ilha de Encarnação matá nosso pexi”*. Ao fazer um questionamento a respeito da escassez da pesca, ele responde: *“não acaba, mas está fraca, pode até melhorá. Quem acaba é a bomba, que vem de fora”*.

A equipe de mestre Sr. Manoel é composta de quatro pessoas incluindo o mestre Manoel. Atualmente, tem como moços o Sr. Manoel Júnior, filho do mestre da rede, conhecido pelo apelido “Maminho”, o Sr. Arlindo, um jovem rapaz taciturno, mas apreciador da pesca e o Sr. Antônio, conhecido por “Bom”, é um homem calado, mas expressa alegria e admiração pelo mar.

Sr. Manoel faz questão de deixar explicito que o seu grupo não é fixo, porque *“a pesca é uma aventura”*. Sempre trabalha com dois métodos ou rede de pesca: a rede de camaroeiro e a de tainheira. Ora, trabalha com uma, ora, com outra. Para ele, ser pescador *“é té liberdade pra tudo, só ãxiste um mistero, às veiz, um sabe mais que o otro, cõece mais a coroa, o lãsu, a marê”*.

Ele explica que o pescado que consegue na pescaria é dividido da seguinte forma: *“primero tira a parte do dono da canoa, depois divide o qãõ com cada mos, depois, vende o restante”*. Mas, na maioria das vezes, *“o melhô pexi vai vendê e pra o dono da redi”*. Quase sempre o moço vende a sua parte para completar o orçamento. Segundo ele, na

realidade, são duas partes do quinhão: “*o qião da redi e o do dono*”. E assegura que “*sempre que saio pra pescá, agradezo a Deus, jamais xingo o dia, respeito as águas e, às vez, canto juntamente com meus mosu*”. E acrescenta:

*A mercadoria é vendida no porto, na canoa mermo. Vendemo tanto pro omi como pra a mulé. Antes, tãa pessoa certa, como Chicorão (( in memoria )), Bitonho (( Antônio Raimundo)) e Barão ((Antônio Nonato)). Era os atravessadô, os compradô . Oje, qualqué pessoa compra.*

Ao perguntar como é que se pesa o peixe na hora da venda, ele responde: “*vendo pelo balde ou pela cuia, é no olo é que mede até chegá no preso que o dono da redi qué. Mas, sempre vendo abaxo do preso*”.

Interessante observar que algumas das canoas são registradas com nomes exóticos ou, até mesmo, nomes referentes às pessoas. São nomes visíveis, expostos na parte externa da embarcação e pintados à base de tinta multicolorida. A do Sr. Manoel, por exemplo, recebe o nome de “*Fera do Mar*”. *Por quê? “Porque acho forte, embora o má daqui é caumo, fraco”*, responde ele.

O sonho de mestre Manoel é o de construir uma casa no mar para viver pescando, “*porque adoro essa atividade*”. Porém, “*isso só seria possívo se tivesse cûdisão*”. Desse modo, o mestre Manoel desperta do seu sonho.

**c) EQUIPE DO Sr. JOSÉ GONDIM (Codinome “Zé Cacete”)**

↓            ↓            ↓            ↓            ↓  
Genilson Geninho José Raimundo Jorginho Jorge

O mestre José foi um dos informantes do trabalho realizado anteriormente acerca dos “Aspectos lexicais no uso de apelidos na comunidade de Baiacu”. A prosa com o Sr. José ocorreu em pleno dia de Natal (25 de dezembro de 2007 e de 2008), sob uma amendoeira, com vista para o apicum, para o mangue e para o mar, bem defronte à casa do mestre José, homem experiente, rico em contar histórias. Assim começa o mestre “Zé Cacete”, apelido com o qual é conhecido na comunidade e gosta de ser chamado:

*Antigamente, as pessoa chegava no lãsu, na maré certa, e tãa pexi. Oje, não. Pescam a toda ora. Ai, está a diferença da nossa pescaria de antes.*

*Os pescadores estão querendo fazer pescas melhores e acaba matando o pexi, porque da desova. Numa época como essa, eles pegam uma criasão miúda, o pexi não consegue se desenvolver, eles morre. Isso se é devido o tipo de redi que é muito miúda, o pexi não consegue se desenvolver. Essa redi mata tudo. A redi miúda, essa redi de arrasto, de calão e a redi de camarão. De antigamente, o calão era mala aberta de cent'cinquenta copeaté trinta as ponta. Oje, é oito milímetro, dez até a ponta. Eles tem que sabé que o pexi desova em duas maré toda lua nova e toda lua cheia. Tem pexi que desova na lua cheia, como o bague amarelo. Já a pescada, na lua nova (J.G, 59 anos).*

Diegues (1983), ao citar Cordell (1974), informa que esse autor, ao analisar certos grupos de pescadores nordestinos, afirma que fazer o lançamento certo implica na habilidade do profissional em usar o conhecimento adquirido pela experiência de tomar decisões rápidas em um meio ambiente muito variável. Para ele, o pescador experiente consegue simplificar uma gama de alternativas, segundo modelos relativamente complexos de conhecimento, a fim de tirar um melhor proveito das variáveis naturais.

Desde os 8 anos de idade que o mestre e dono de rede, Sr. José pesca. Conta ele que:

*De início, era de leve, pescava siri. Depois, pesquei de arrasto, gruzera. A minha vida foi logo plãtada em cima da pesca. Me orgulho de ser pescador. Tudo meu é da pesca. Tudo o que tenho, foi a pesca tudo me deu. Além da pesca, eu sei de tudo um pouco, principalmente a coisa de mecânica.*

O mestre José é uma pessoa que diz gostar muito de ajudar as pessoas, e se pudesse teria feito Medicina, porém

*[...] não consegui realizar meu sonho porque meus pais eram cheis de filhos, precisava ajudar eles, e a medicina precisava de muito tempo, dinheiro e estudo e eu não tinha. Agora, meu maior objetivo é conscientizar os pescadores a não pescarem os pexis pequenos.*

A equipe do Sr. José é composta de seis homens. Todos são membros da família, seus filhos Genilson, Jorge, Jorginho, José Raimundo, Geninho. Essa equipe é a comprovação de que a pesca “é uma arte ensinada de pai para filho, de geração para geração”, conforme divaga o Sr. José. Esse grupo trabalha com os quatro métodos ou tipos de redes: tainheira (rede para pescar tainha e sambuio), curumanzeira (para pescar curimã e pescada), de ressar (para pescar peixe grande, tais como: cavala, xaréu, arraia) e arraieiro

(própria para pesca de arraia).

Conforme o discurso do Sr. Zé,

*A redi de vint'cinco a oitenta cope, e a redi de mala porque trabala flutuano. Pois, nas mĩa arti sempre divido a equipi para trabalá com duas pessoa, porque o nosso papel é trabalá constante. Mĩa imbarcação não trabala com a redi de puxá pra terra. É a única equipe que tem barco motorizado e canoa. De dentro do barco largamo a redi e deixamo ela mesma trabalá, ficá flutuano na água. Dai, o pexi pensa que é otro pexi e passa a flutuá tamém, a piscá igual a vaga-lume e corre pra dentro da redi. É lindo, o nome da redi que faz isso é casuera, é a redi de resa porque ela trabala resano, andano lentamente. A nossa equipe trabala tamém em carrera de maré, é o lugá de canal que a maré corri.*

O saber localizar e guardar na memória o local de se pescar constitui um dos núcleos do segredo profissional. Em Baiacu, ao vivenciar três pescarias, observou-se que os mais velhos guardam esse lugar na memória, e os mais jovens procuram usar um sistema de marcação, tais como o pesqueiro ou divisões imaginárias, para lembrar o local de pesca.

Para o Sr. José, existe a equipe que trabalha com até seis pessoas, que é a rede de arrasto. De acordo com ele, a quantidade de trabalhador depende “*da arti da pesca, da redi da pesca. Minha equipe é de seis, divido em dois*”.

Na opinião do mestre José,

*O pescadô tem muito sentido. Ele é um produto de alimentos onde a pessoa deveria dá valô. E uma pessoa que deve sé respeitada na sociedade, porque ahente pega amô pela pescaria. Não vê meus filo tem esse grande amô pela pescaria, porque ela é independente, simboliza independência. Ahenti não vivi oprimido por tudo que quera. Nossa equipi trabalha com alegria. Vamo lá pra aventurá, porque a pescaria é mandado de Deus pra nossa felicidade. Se isso acabá, a alegria acaba, ahenti sofre.*

De acordo com Maldonado (1986), um dos *ethos* do pescador refere-se à questão de independência:

A independência tem sido vista como mais um traço adaptativo do pescador, que se confronta sempre com o afastamento da terra e com a incerteza do mar e do peixe. Há autores que vê a independência como um traço extremamente importante para a compreensão das relações sociais na pesca. Por independência entende-se a propensão para pensar e agir, livre da influência de outros (MALDONADO, 1986, p.33).

Diegues (1983), por sua vez, interpreta da seguinte maneira essa independência do

pescador:

A liberdade caminha junto com o conhecer adquirido ao longo de anos de experiência. O conhecer do velho pescador se traduz pela sabedoria, algo distinto do saber-fazer. A sabedoria não diz respeito ao manuseio de um apetrecho de pesca, mas onde e quando experiencia, mas indo pescar e ouvindo os mais velhos (DIEGUES, 1983, p.195).

Apesar de toda essa rica experiência e do orgulho do Sr. José em ser pescador, sabe-se que esses trabalhadores não se sentem valorizados, são excluídos da sociedade. Não participam ativamente das decisões, geralmente tomadas em outros espaços, embora relacionadas ao seu trabalho e a sua vida.

Na sabedoria de Sr. José, ele tem consciência de que pescador leva uma vida difícil e não tem com quem dividir suas incertezas

*[...] ahenti tem vida sofrida, curta porque do sol e da noite que ahenti perde. O pescadô pesca com a água até o umbigo. O período que mais prejudica o pescadô é o inverno, porque da tempestade, mas você tem que enfrentá. Batemo sol, chuva e sereno. O governo deveria diminuí para vint' cinco anos de servisu. Eu já me sinto cansado, vou pescá pela forsa da vôtade. Já tenho cinquenta cinco ano e temo que pagá a colônia até trinta e cinco ano. Já a marisquera é trinta anos. É muito tempo. Desde mil novecen' setente e sete que colonizaro. Depois a Colônia quebró, e só agora voltó e estão colonizano pessoas que não são pescadô. Existe muito pescadô que está seno prejudicado por esse intermédio, o da Colônia. Ahenti num recebe o defeso. O való que paga a colônia é dois po cento em cima do salário mínimo, qué dizé sete reais. O preço não está ruim é como está distribuino isso. Tem pescadô que trabała, não consegue nem o que comé, imagine pagá a Colônia. Renti de São Paulo recebe e, nós, pescadô, não. A Colônia pede que tomemo impréstimo.*

Ele expressa uma maneira diferente de olhar o mundo da pesca e o mundo do governo e constrói, desse modo, uma forma própria de interpretá-los. Apesar de episódios de dissabores relacionados aos direitos regulamentados pela lei, para ele, isso não significa impedimento, pois “sou *um pescadô alegre, que gosta de cantá, de sé um poco supersticioso*”. Para ele,

*[...] se tivé alegre, Deus ajuda porque o má é sagrado. Eu já sinto isso de den' de casa, se eu vou té sorte ou não na ora da pescaria. Já sinto aquela influência. Já vi bem no meio do má, alguém gritá naquele silêncio todo do má. Parecia uma voz de mulé, como se tivesse seno sacrificada. Ouvi esse grito duas vez, principalmente na lua chea. Vi tamém uma extensão de mâta de pexi urrá alto e sumí. Meu fillo está aí de prova. Isso se dá porque oje em dia, alguns pescadores não respeita o*

*má, xinga no má. Antes, não. Ahenti respeita o má. Se não respeitá, atrasa. É um mistéro, temos que respeitá.*

Assim foi a prosa com o Sr. José, um pescador cuja linguagem possui uma força que permite exprimir o pensamento frente às questões que se colocam. Isso possibilita o desenvolvimento de um aprendizado e de uma leitura do mundo da pesca altamente significativa, pois a leitura do mundo precede outras leituras, a da palavra, por exemplo.

#### **d) EQUIPE DE ROMÁRIO XAVIER**

↓ ↓ ↓ ↓  
 “Juca” “Corante” Joel “Nego”

É uma equipe composta de jovens. Um total de cinco moços: “Juca”, “Corante”, Joel, “Nego” e o próprio mestre, Romário (R.X., 25 anos). A maioria dos ‘moços’ é conhecida por apelidos. O método de pesca dessa equipe é a rede de camarão, conhecida como rede de arrasto. O mestre e dono da rede é um jovem de 25 anos, estudou até o terceiro ano do Ensino Médio. O mestre “Kiko”, como é conhecido por toda a comunidade, diz que foi para o ramo da pesca, porque “*não tive paciência, nem dinheiro para continuá estudando*”. Segundo o Sr. Romário:

*A maioria das pessoas esta pescano, principalmente os jovens, porque mesmo quando termina os estudos não tem emprego. Antes, quem pescava era os mais velhos, porque tã que sustentá a família. Oje, a pescaria é uma arte, uma aventura de sobrevivência para todos aqui. Aqui é uma lugá que vive de pesca. Se Deus permití, eu posso achá uma coisa melhó. Vou conseguí porque sei que o importante é o estudo para conseguí uma coisa na vida. Poderia até ir para o Rio Janero onde meu tio mora, ir estudá ou trabalhá. Estou pensano nessa possibilidade.*

O mestre dessa equipe demonstra mais interesse em dar ordens aos seus moços do que praticar a arte da pesca. Durante a entrevista, o tempo todo, o Romário orientava os moços a cuidar da rede. Demonstrou também muito interesse em estipular o valor da mercadoria e quanto deve ganhar cada moço e, às vezes, não demonstrava interesse algum em responder as perguntas, passando a tarefa para o moço mais experiente respondê-las. No curto período de diálogo que se manteve com o mestre, ele se limitou a informar o preço

que cada moço recebe pelo serviço prestado. Conforme o Sr. Romário, “*o pé de banco e contra-popeiro recebe sete reais, o proero ou mestre, catorze reais, o abaixadô, nove reais e cinqüenta centavos, o largadô oito reais e cinquenta centavos e o dono da rede, quarenta reais. Esse valô pode variá, a dependé da pescaria*”.

Diegues (1983) esclarece que:

Entre os donos de canoa e os pescadores existe uma oposição não-antagônica, na medida em que estes ainda dominam alguns segredos da profissão e são aparentados ou vizinhos. O diferencial de renda entre ambos existe. Daí situarem-se os pescadores entre os grupos mais pobres, com altos índices de analfabetismo, péssimas condições de moradia [...] (DIEGUES, 1983, p. 216).

A equipe do Sr. Romário demonstra ser uma equipe estratégica, talvez seja por isso que tenha escolhido a rede de camarão, que é a considerada de ganho certo. E também, o mestre demonstra não ter muita familiaridade com a arte da pesca, seu interesse é apenas lucrativo. Apesar disso, reconhece o valor da comunhão que existe na pesca que, segundo ele, “*o valô nosso é a expresso no qião distribuído entre os mosus. A primeira coisa que se deve tirá é o qião do mosu, cada um leva seu pexi para casa, uma cuia pra cada e o resto, o que sobra, vende.*”

A prática do quinhão é sagrada para os pescadores do Baiacu. Todos eles, juntamente com suas equipes, praticam esse ato de comunhão que, conforme os próprios pescadores afirmam “*o qião foi eransa dos antigo. Pescadô só não leva pexi pra casa se fô pra o má e não conseguí pescá nada. Fora isso, o qião é sagrado*” (C.P.N., 66 anos).

Esse ato fortalece a relação entre os pescadores e a própria pesca, porque de forma espontânea, cultural, perpassa o campo da pesca. Abrange toda a comunidade, desde as crianças até os mais velhos, todos são generosos no ato de doar. Gostam de presentear ou com pescado, ou outra coisa, seja quem for, venha de onde vier, precisando ou não, visitante ou não. É um traço diferenciador, faz parte da cultura local, e é característico do pescador e do próprio morador da comunidade do Baiacu, pertencentes às ações oriundas da pesca e das relações sociais.

A equipe do Sr. Romário aprendeu a lição da partilha do peixe com os mais velhos, embora o mestre de rede afirme que “*é forsado a pescá, só o faso por falta de recursos*”. O



jovem pescador diz que aprendera a pescar com os outros pescadores “*eu pescava de mosu. Agora, sou o mestre e dono. Na mĩa equipe sempre mudo de mosu porque, as vezes, marcamos o orário e ele não aparece. Pesco com quatro, mas não é fixo, porque é uma aventura*”. De acordo com ele, “*o bom da pesca é isso, a liberdade. E o pescadô é livre*”.

#### **e) EQUIPE DO SR. NALDO DOS ANJOS**

↓                      ↓                      ↓                      ↓                      ↓  
“Tico”              “Natinho”              Nascimento              Cláudio              “Dum”

A equipe do mestre de rede Sr. Naldo presta seu serviço ao dono da rede, e é composta de seis moços, incluindo o proeiro. Na primeira etapa da fase exploratória da pesquisa, a equipe do Sr. Naldo era composta por Sr. Almir, Sr. Jackson, Sr. “Nego” (apenas conhecido pelo apelido), Sr. Manoel, Sr. “Cuíca” (também conhecido apenas por apelido). Atualmente, a equipe é composta por Sr. Cláudio, Sr. Nascimento, Sr. Manoel, Sr. “Tico”, Sr. “Natinho”, Sr. “Dum” (também conhecidos apenas pelos apelidos). É uma equipe que comprova a mobilidade para a formação de seus “moços”.

A rede que eles utilizam é a rede de xangó, que serve para pescar peixe miúdo. Não somente a rede pertence ao Sr. Raimundo, mas também os demais artefatos da pesca.

O cotidiano desse grupo é intenso. Começa cedo o labor. De acordo com o mestre Naldo, “*saimo pra pescá a qualquer momento, basta a maré está boa*”. Essa equipe foi uma das que a autora dessa Dissertação compartilhou o mistério de uma pescaria ao vivo. Às oito horas da manhã, aproximadamente, já se encontrava em alto mar, retornando à terra nove horas, logo, uma manhã e metade da tarde na pescaria. É uma equipe calada, e unida. Festeja com piadas e músicas cada momento da pesca. No ato mesmo da pesca, todos partilham um silêncio imperturbável. O trabalho realizado pela equipe de Sr. Naldo respeita a vez de cada moço, o horário da maré, o balanço das águas, a força do vento. Tudo em harmonia. O mestre afirma que “*a pesca é assim mermo, né, mermo se não vié pexi, ahenti tenta de novo, mas um lãsu*”. Todos confirmam. Durante as nove horas que permaneceram em alto mar, e também nas “coroas” para cercar o “lanço”, os pescadores, em momento algum, mostraram-se extasiados, ao contrário, permaneceram dispostos e alegres. Eles cantam, riem, dividem suas bebidas e comidas.

**f) EQUIPE DO SR. AGNALDO MENEZES** (Codinome “Rico”)

↓       ↓       ↓  
 Manoel “Pacote”    Joilson

Outra equipe jovem é a do mestre Sr. Agnaldo, constituída por quatro pescadores: Sr. Joilson, “Pacote” (conhecido apenas pelo codinome), Manoel e Agnaldo. O mestre trabalha com o irmão mais novo, Sr. Manoel. Os outros dois ‘moços’ são o popeiro Sr. Joilson, e o abaixador Sr. “Pacote” ambos irmãos. Durante toda a conversa, só sabiam rir. É uma equipe que trabalha com a rede de camarão, um dos métodos mais utilizados pelos jovens. Essa equipe é de pouca conversa, mas eles explicam que aprenderam a arte de pescar através dos mais velhos e de grupos de amigos.

**g) EQUIPE DO SR. “BAHIA”**

↓           ↓           ↓           ↓  
 “Kia”       Roque    Agnaldo Jr.    Gilmar

O método de pesca utilizado pela equipe de Sr. Roque é o da rede de tainheira. O grupo é composto de quatro moços: Sr. “Kia” (conhecido apenas por apelido), Sr. Roque, Sr. Agnaldo Jr., Sr. Gilmar. Todos ajudam na tarefa de remar, organizar a rede, entre outras atividades. Cabe ressaltar que não haverá um aprofundamento acerca dessa equipe, pois há uma doutoranda da Faculdade de Comunicação – FACOM/UFBA, Gal Meireles, que desenvolve um trabalho sobre as narrativas e mestres de pesca, e tem por base a equipe do mestre Bahia.

De imediato, o mestre Sr. “Bahia” é aquele que se responsabiliza praticamente por toda a equipe. Uma pessoa muito disposta, séria e agregadora. Os demais componentes, inclusive o Sr. Domingos, sogro de Sr. “Bahia”, contribuem deveras para informações importantes que se encontram no capítulo referente à descrição e análise dos dados. Foi o Sr. Domingos que cedeu a entrada no palheiro, para fotografar os apetrechos. É uma equipe atenciosa, embora, a priori, tenha se mostrado desconfiada.

## h) EQUIPE DO SR. ROMI

↓            ↓            ↓            ↓            ↓  
Antonio Crispim Edmilson Ronilson “Gostí”

Sr. Romi dos Santos (R.S.), 70 anos, começou a pescar aos 12 anos de idade. Aprendeu com os mais velhos, com o pai e os amigos, principalmente. Escolaridade? Quase nenhuma. Estudou apenas até a primeira série primária, atual segundo ciclo do Ensino Fundamental. A entrevista com o Sr. Romi durou cerca de três horas, sendo realizada em três períodos: entre os dias 23 e 24 de dezembro de 2007, 23 de agosto e 30 de dezembro de 2008, quase sempre, nos momentos de descanso do pescador, quando estava sempre o Sr. Romi a costurar a rede que utilizou na última pescaria, além de dar os últimos ajustes na canoa.

Ele é, ao mesmo tempo, mestre e dono de rede. Trabalha há muito tempo no mar. A sua equipe é formada pelo seu filho, Sr. Ronilson, além do Sr. Antonio, Sr. Crispim, Sr. Edmilson (codinome “Pequeno”) e Sr. “Gostí” (conhecido apenas pelo codinome). Para o Sr. Romi *“mestri, qualquer um pode sé, des’ que tenha cñecimento, porque ele é o chefe.”*

A equipe do Sr. Romi trabalha com o método da rede de arrasto e da rede de xangó, e prioriza a pesca do peixe massambê que, em outros lugares, recebe o nome de sardinha, e do peixe xangó, conhecido por muitos como pititinga. Para ambas as artes deve-se trabalhar com seis pescadores. De acordo com o mestre Romi, *“naquela época a pescaria não era a mais de oje, sobre a arte sempre foi taïera; agora é redi di arrastu, calão de puxá co’ a mão. A diferença tamém está na forsa dos mais jovi, mas, às vez da impressão que é a merma pesca, o mermo ritmo”*.

A vida do mestre sempre foi a pescaria:

*[...] meu princípio foi esse des os doze ano, tenho orgulho de ser pescadô. O momento em que pego o lãso de pexi é uma alegria pra o pescadô. O pexi é alegria. Essa istória fica pro resto da vida. E na ora de levantá a redi, intão, todos os mosu ajuda, até o compãero de otra arte, de otra redi. A pesca é um trabalho de comũão. Num tem orário marcado, quando tem que ir, vai, nois faz um cálculo mas, às vez, o mosu atraza. Ola pra maré e nois vamo. Esse é o orgulho de sé pescadô, o de sé livre. Nois pescadô lãsa a rede no mar, se fô de seis, os seis participa, se sete ou oito tamém, todos lãsa. Mas, o certo é a tripulãso, os mosu certo é de seis omi e o bom lugá de pesca.*

Esse “bom lugar de pesca”, para Maldonado (1986), está de acordo com o que antropólogos, como Forman (1967 e 1970), consideraram, quando estudaram os pescadores brasileiros da costa nordestina. O zelo que eles demonstram ter pelas informações que detêm sobre bons locais de pesca minimiza a competição e evita a sobrepesca, concedendo direitos de propriedade temporários a pescadores.

Ao perguntar como funciona sua equipe, o mestre Romi responde, laconicamente:

*Cada equipe funciona pra pescá, TRABALÁ. Todo mundo TRABALÁ, mas ensinamo a prática. Muitos vão sem sabê e depois de uma semana ou mais vai aprendeno. Eles prende mermo é des' mininu, com dez, doze ano.*

Esse fato relembra a idéia de que a escola, muitas vezes, utiliza apenas a linguagem escrita para expressar o conhecimento, valorizando-a mais do que outras maneiras possíveis de expressão. Existem outras linguagens tão importantes e legítimas e que precisam ser reconhecidas, uma vez que possuem uma força criadora para permitir a expressão do pensamento e do entendimento, o que pressupõe a sua utilização como instrumentos para a construção de uma leitura e de uma escrita significativas.

O pescador tem em sua linguagem um jeito diferente de dizer o que pensa e sente. Expressa uma diversidade cultural e lingüística capaz de mostrar o uso efetivo da linguagem, constituindo uma forma de comunicação interacionista entre o homem e o meio. O trecho da conversa de Sr. Romi talvez explique melhor essa relação:

*Tudo é aprendizagem, a pescaria é uma, mas cada uma pessoa prende de um jeito, tem um jeito de aprendé. Ahenti mermo aprende que tem um dia de pescaria, se vai pescá de redi menó, curta, de maió, miúda, graúda. A curta é a red de arrasto; a graúda é o calão, rede grande, de xãgó, pega tudo. Ainda tem pescadô de velho a novo, que aprendi a pescá. Até pessoa novo que viero morá aqui, estão aprendeno a pescá. Aprende a atraí o pexi, cerca ele, veno ou sem vé, mas a maioria do pescadô sabe que deve aventurá e cercá o pexi. Muitas vez, cerca, joga a red e vai puxano até juntá todo e junto abaxa a red. O mistério é olá pro pexi, vé e cercé o pexi. Ele fica brilano em cima da água. Pra cerca, bota o abaxadô, salta e cerca. É o lãsu. Depois, sai com a redi e vai andano ao encontro da tripulação. Vende o pexi, aqui mermo, quem compra bota no freezi e vai vendé. As mulé compra mais que o omi. Agora, o que mais mete medo na ora da pesca é a trovoada pegá ahenti, temo que pará ou ficá em um lugá seco ou intão den' da canoa. No inverno, principalmente que temo que nos protegé co' uma capa japona, uma bermuda e a*

*maioria vai descalsu, porque num temo ropa certa. Nessa ora cuidemo da hente e do artifício da rede, que é o remo, a vela, a cuiá, espadela, bóia, chũbada ou bolo, que é a pedra pesada pra levá a rede pro fundo, a própra canoa que, a dependé da maré, nós vira ela pra dá um trato, enxugá o fundo passá um breu. Mas, mermo assim todo pescadô tem que pescá, rema a canoa, todos têm que fazé isso. Não ãxiste bom, todos têm sua época boa e otra ruim. Tem pescadô mais curioso. Todos têm um nível só, mas tem um que é mais curioso que o otro.*

A única reclamação que ele faz é a de que “o governo deveria dá, de seis em seis meis, um calçado aos pescadô.” Diante disso, faz-se necessário não somente resgatar e registrar essa linguagem própria do pescador, suas histórias, suas crenças pessoais e coletivas, no sentido de enriquecer e construir novos conhecimentos acerca da história da língua e do léxico, assim como planejar ações que viabilizem políticas sociais de inclusão dos sujeitos, enquanto indivíduos que planejam e executam suas ações no decurso da interação na qual estão envolvidos, e da sua experiência social.

#### **i) EQUIPE DOS SOLITÁRIOS**

↓            ↓  
Alexandre   Sr. Jorge

Esta é a equipe considerada atípica, pois cada um dos pescadores aqui descritos trabalha solitariamente, apenas com os elementos de pesca. Os da equipe dos solitários esclarecem que essa condição, a de se trabalhar sozinho, “é uma escola, uma opção, porque os mosu dá trabalho, não aparece na ora da pescaria”. (J.A., 49 anos)

O pescador Sr. Alexandre é também um dos informantes da pesquisa anterior sobre “Aspectos lexicais no uso de apelidos na comunidade do Baiacu”. É um pescador muito alegre, encantador. Conhecido pela comunidade pelo apodo “Xandu”, o Sr. Alexandre utiliza o método da pesca de arraieira, apenas durante o dia. Em qualquer momento, ele diz que utiliza a rede de tainheira.

Assim como os demais pescadores, Sr. “Xandu”, como gosta de ser chamado, começou muito cedo na arte da pesca, aos 8 anos de idade. Hoje tem 56. Aprendeu com os mais velhos. Para ele, um desafio que se apresenta hoje é ensinar a pesca aos mais jovens porque “alguns gosta, otro, não.” A marca que identifica esse alegre pescador é o seu

eterno boné, que ele denomina de “bibico”. Não o tira para nada. Confessa que gostava mais do chapéu de palha, mas não consegue encontrar quem o faça, como naquele tempo. Diz que “*o bibico prejudica muito, porque é um boné que esquenta*”.

Além de pescar, o Sr. “Xandu” completa a renda, costurando redes para outros pescadores, trabalho que estava realizando no momento da entrevista. Habilidoso com a agulha, o Sr. Alexandre costura rapidamente os estragos feitos pelo peixe à rede.

Vestido com um simples calção azul, sem camisa, percebe-se logo sua pele curtida pelo sol e pelo vento. Ele diz ser insensível aos danos causados pelos efeitos climáticos, pelos fatores ultravioletas do sol. O que lhe interessa é a pesca:

*A pesca é uma aventura. A pescaria é uma vez de cada, um dia, um gãa, otro, perde. Meu trabalho é botá redi, colé e esperá até a ora de vim embora, de acordo com a maré. O pescadô tem que gostá e conhecê o lugá onde vai pescá pra podé ter uma base mermo sabeno que tem dia de dezacerto, que o mar num tá pra pexi. Se num fosse pescadô, seria um bom cantô ou jogadô de bola. Mas gosto da única solusão, que é a pescaria, porque não me aborreso com nada. Quem escolheu pra mi foi São Pedro, que era pescadô e deixó de eransa pra henti.*

O Sr. “Xandu” dedica um carinho especial à canoa, denominada “Caninha da roça”. Ele informa que a

*[...] a pescaria mais comum em Baiacu é a da redi de arrastão, que cerca o locá cum a redi e puxa pra terra, ou intão, trabała den’ da canoa. Apesá de nela o negosu ser poco, mas a pesca é continuada, se pesca com a maré chea, baxa , de vazante. Se trabała na tardera, na cedera, de acordo cum a maré.”*

Sr. “Xandu” revela também que

*[...] antigamente, a redi era feita cum algodão ou cordão, apodrecia mais rapidamente. Levava só um ano. Comprava nas venda daqui mermo, ahenti mermo cusia, pintava de tinta vermelá do mãgi. Às vez, trazia da fera de São Joaquim, na cidade. Oje, a rede é de palo. Demora mais tempo. Melhoró mais o trabalho da henti, porque as loja vende tudo o que qué. Tanto na cidade (( Salvador )), que é mais barato, como no mercadinho de Dumingo, daqui de Baiacu, vende material de pesca”.*

Após essas informações, Sr. “Xandu” prossegue, costurando as redes, brincando com o Costa Neto (2001) e explicando os locais onde se pesca: “*é nas coroa, onde a maré*

*seca. Isso des' quando nasci. Cada coroa tem um nome botado pelos pescadô, é coroa do papagaio, ãbira, garapé, carapituba". De repente, o mestre "Xandu" se auto-questiona "pescadô tem ou num tem cñecimento?" E, pensativo, continua: "o bom da pesca é vé o má, o brilho do pexi, em silêncio. O meu dia de pesca mais marcante foi quando pesquei um casão de duzentos kilo cum senhô Moreno."*

E, desse modo, o Sr. "Xandu" finaliza a entrevista. Uma história que contribui para perdurar e ampliar o conhecimento da cultura da pesca.

O outro pescador dessa "Equipe dos Solitários" é o Sr. Jorge dos Anjos, apelido "Kutú". Tem 48 anos. Aprendeu a arte da pesca aos 8 anos de idade, "*no meio do povo mais velho*", segundo o pescador. No transcorrer de sua vida, jogou futebol pelo Esporte Clube Ipiranga, durante um curto período de tempo. Não conseguiu contrato, por isso não deu certo seu projeto de ser jogador, e logo retornou à terra natal, Baiacu. De acordo com o Sr. Jorge "*[...] o pessoal do Clube me chamava de Taparica porque morava da Ilha de Itaparica*".

O Sr. Jorge inicia a conversa, informando que

*"[...] pescá é difícil, ahenti não escolhe. É um meio de vivê, é meu gãa pão porque não arrumei imprego. Prefiro pescá sozõ co' mĩa canoa Margarida. Às vez, convido mĩa espoza, Waldí, pra pescá comigo, porque pescaria é uma aventura, mas é tudo den' da lei. Pescá é uma arte, o mestri manda, o mosu obedece. A pescaria de Baiacu é diferente da de otro lugá porque é mais natural, e tem vários tipo, gruzera, camarão, que é a redi de arrastá é a mais falada porque é a mais garantida, apezá de matá muita cria co' a sua mala tipo oito. Tem otras redi tamém. Mas, a de arrastão é que faz o pexi falá. Falta pexi no má. Oje só pega dez kilo, antes era trezento, qñeto kilo. Por isso, oje o povo mudó pra camarão, pode fazé quatro, cinco ou sete arrasto por dia, pra pescá mais. Mas, depende da maré. Na maré grande, pode pescá na lama".*

Jorge, continuando seu discurso, informa que:

*Cada pescadô tem sua posição den' da canoa, antes mermo de saí pra pescá cada um já sabe o que vai fazé é o proero, que é o mestre, o abaxadô, o calão de fora, o calão de terra, o contra-popero, o popero. Todo mosu sabe o que fazé. E tamém, é raro em Baiacu encontrá pescadô que pesque, ao mermo tempo, e que seja dono de redi. Só cñeso senhô Moreno e senhô Romi.*

Para ele, a pescaria é assim:

*“Dependente de um e de outro, num pode nem julgá. Tem até a questão do mês tamém, que não é melhó nem pió. No verão, em dezembro e janero, pega menos, mas vende mais caro dizoito, vinte reais. No inverno, não dá quase nada, o que pega vende a treze, catorze reais. Mas, a primera parte da pescaria é para o dono, depois para o mestre, depois o qião pra cada mosu e o resto vende. Depois, ahente discãsa, lava a redi pra o otro dia labutá”.*

O Sr. Jorge finaliza sua entrevista, segredando que: *“antes, não usava nada no má, pra não dá azá e espantá o pexi, que fica na ponta da coroa ou no fundo da maré. Mas, oje, usa sapato, por isso não tem pexi.”*

São histórias de vida, de comunhão entre falante, língua e meio. Esses pescadores conhecem todos os fenômenos que acontecem nos mares, rios e manguezais. Classificam todos os tipos de vida que habitam as águas, retirando delas a sobrevivência e cuidando para que não se esgotem. Entretanto, desconhecem muitas informações sobre fiscalização, recolhimento de tributos e até o Mapa de Bordo. Porém, o saber nascido da experiência circula entre os membros da família como um acervo valioso onde todos são aprendizes e mestres.

O universo dos trabalhadores da pesca é objeto de leis disciplinares, dispõe de organizações específicas de defesa de seus interesses, tais como os que rezam o Artigo 10 da Lei nº. 10.683 sobre as Permissões de Pesca. A Permissão de Pesca é o ato administrativo discricionário condicionado ao interesse público, pelo qual é facultado ao proprietário, armador ou arrendatário operar com embarcação de pesca, devidamente identificada, nas atividades de captura, extração ou coleta de recursos pesqueiros. De acordo com as resoluções da 2ª Conferência Nacional de Aquicultura e Pesca, para que o setor da pesca extrativa seja desenvolvido, gerando benefícios sociais e econômicos ao maior contingente possível, muitas imperfeições no processo produtivo têm que ser corrigidas, porque há uma grande pauperização do pescador(a) artesanal, pois as condições de trabalho dos pescadores(as) são precárias. Há sobrepesca nas cadeias produtivas que promovem injustiça social..

Essa preocupação por parte dos órgãos responsáveis é plausível, mesmo porque 49% da pesca marinha ocorrem no Brasil, segundo dados da SEAP/BA. Porém, ao mesmo tempo, essas mesmas leis diversificam as formas locais de atendimento, frente à burocracia dos recursos. No entanto, é indispensável para o pescador apropriar-se desse instrumento,



para que o campo de exercício de sua cidadania seja certamente ampliado, ou passe a existir de fato.

Toda essa informação é rica para o pescador, que necessita de saber usá-la em proveito de sua vida comunitária. São dados que servem também como estudo de língua e registro da memória viva do pescador. Tanto aquela quanto esta correm o risco de desaparecer com o tempo. A transformação de esses saberes em registro garante a sua permanência, pois muito da história, das raízes identitárias e culturais, das descobertas, se não vierem à tona, pela via de canais possíveis de socialização, podem se apagar.

#### 4.5 A MARÉ

No TermNav, “maré” tem seu étimo definido como “s.f. do fr. ant. marée” Pico (1964, p.655).

A “maré” é conceituada nos dicionários, como águas do mar. Nos termos da navegação marinha, é identificada como fenômeno da alteração da altura dos mares e oceanos, causado pela interferência da lua e do sol sobre o campo gravítico da terra. Quando a maré está em seu ápice, chama-se “maré alta”, “maré cheia” ou “preamar”. Quando está em seu menor nível, chama-se “maré baixa” ou “baixa-mar”. Em média, as marés oscilam em um período de doze horas e vinte e quatro minutos. Doze horas, devido à rotação da terra e vinte e quatro minutos, devido à órbita lunar. Para os pescadores da comunidade de Baiacu, “maré” é referência direta à situação contextual do sujeito em relação ao meio em que vive. Nesse sentido, para os pescadores, “maré” simboliza:

##### a) Meio de sobrevivência/Fonte de renda

*A maré é o meio de vida pra henti, pescadô de água salgada. É a maré é*

*um meio do trabalho da henti, vevi de acordo com ela. Maré, coisa deixada de Deus, pro pescadô TRABALÁ pra sobrevivé, quem num consegue emprego veve da maré. (A.G., 56 anos)*

*A maré é a maió importância para mña vida, porque tiro o meu pão, criei o meu fiço e ainda vivo da maré. A maré tem muito sentido na vida da henti aqui da bera-má. Ave-Maria se num fosse isso que Deus nos deu pra sobrevivé. Criei meus fiço cum ela. (J.G, 58 anos)*

*A maré é o lugar onde os pescadô tira o sustento pra sua sobrevivência, que sabe que depende do tipo de maré, a grande e a morta. Tem que esperá a pré-má, é em cima, aquela maré que enche total e retorna a vazante, porque ela fica sem forsa e dá pra fázé o lãce. A morta é mais tranqüila pra se TRABALÁ, é baixa-má, a maré vaza total, retoma para a içhente e nela que cumesa o lãsamento. (J.S.P., 86 anos)*

*A maré é a nossa maió fonte de renda, sem ela num somo nada. A maré é a nossa sobrevivência. Temo que cuidá dela porque diz que daqui a cinquenta ano vamo come pexi de aquário. (J.M., 30 anos)*

## b) Tempo

*Tem uma ora pra pesca que depende da maré, pela posição da maré. O horário mais certo é de madrugada, é a ora do marismo mermo, não se sente cansativo (R.X., 25 anos).*

*A maré tem seu dia, segunda-fera é feriado pras água, é dia de ressaca. (J.M., 30 anos)*

*Tudo na pesca depende da maré, que é o nosso o horário. De acordo com a maré, ahenti TRABALÁ no tempo, que pode sé de maré chea, baixa, de vazante na tardera, cederá. Porque maré é tempo de se pescá, a dependé dela se pesca de mãã, de tardi e de noti. (A.G., 56 anos)*

*Maré enche e vaza. Às vez, sai com ela de enchente e termina com ela vazano ou encheno. Se perdé a maré, nós não vai pescá, com o atraso não dá pra chegá lá. Tem ora que a maré só dá certo tendo a maré nova pra saí cedo, não perdé. A maré chega na posição certa pra fazé o cerco, porque a maré determina o tempo pra fazé um, dois, três lance, depende da maré, da distância, pra dá tempo ao pescadô chegá, pra ter tempo suficiente. (J.S.P., 86 anos)*

*A ora da pesca, depende da maré alta, baixa, seca, enchente, que puxa pra terra, vazante, que vai pra fora. (J.A., 48 anos)*

## c) Localização

*Antes a maré ia até lá em cima, na rua. Oje, vai apenas até o cais. (A.S., 33 anos)*

*A maré da hente fica aqui, no porto onde ahente sai pra pescá. (E.S., 49 anos)*

## d) Sinonímia

*“O mar tem pexi todo dia. O má e a maré é a mema coisa. (R.S., 41 anos)*

## e) Transcendental

*Toda maré é boa e depende de Deus pra a maré quebrá, diminuí a maré, vai pra trás, e pra cabeça d'água, o dia que a maré mais enche, que alaga a maré. (J.A., 43 anos)*

*A maré é como a lua, que tamém influencia. É conjunto. (J.S.P., 86 anos)*

## f) Partilha

*A coisa mais linda que nós temo é a maré, é a nossa alimentação que serve pros fião, amigo. (J.S.P., 86 anos)*

A jornada de trabalho dos pescadores e das marisqueiras depende das marés e do tipo de pescaria. Se a maré é *cêdera* a atividade de exploração dos recursos marinhos começa às 4 ou 5 h da manhã. Aqueles que atuam na pesca do camarão preferem sair na *boca da noite*, retornando no início da madrugada.

É no espaço da maré que ocorre todo tipo de relação psicossocial entre os pescadores da comunidade de Baiacu. Através dela, há também o que Bourdieu (1983) denominou de ‘mercado lingüístico’, trocas lingüísticas ou sociais, em que o sujeito/falante expressa sua relação com a língua, a partir da produção lingüística, segundo a estrutura de interação

lingüística, a posição lingüística ou segundo a posição do produtor no campo considerado. É a ação que realiza os atores nas práticas sociais.

De acordo com Bourdieu (1983), a linguagem em si é uma relação de produção lingüística particular e, como tal, uma propriedade irredutível às condições sociais de produção e utilização do mercado lingüístico. Também as palavras utilizadas pelos pescadores para definir a “maré” expressam um pouco do que Guiraud postula a partir dos termos “sentido de base e sentido contextual”. Segundo este semanticista, “toda palavra está ligada ao seu contexto, do qual ela tira o seu sentido” (GUIRAUD, 1980, p.35). Para ele, a função semântica da palavra evoca uma idéia de associação entre meio, situação determinada e grupo pertencente a este meio.

É na maré que toda a dinâmica da pescaria ocorre, desde a compra (trocas lingüísticas), a venda, os laços de amizade ou desafetos, as alegrias, as frustrações, até os símbolos principais da pesca, assim como os biológicos. Ali se percebe o porquê da canoa ser o meio de transporte essencial para a pescaria. Essa embarcação representa a maré em si, com seus artefatos: remo, vela, balde, espadela, corda, bóia, cortiça, fios (de tralhar e de atar), traquete, agulha, redes, cofo, balde, linhas, cortiças, candeeiro, entre outros. Todos servem para um único propósito: garantir ao pescador o exercício de sua profissão. “Maré” e canoa são os laços mais afetivos e significativos para o pescador da comunidade de Baiacu.

A canoa é a embarcação de pesca que se destina exclusiva e permanentemente à captura, coleta, extração ou processamento e conservação de seus animais e vegetais que tenham na água seu meio natural ou mais freqüente *habitat*.

Toda canoa deve ser registrada. O registro de Embarcação Pesqueira é o ato administrativo que contém os elementos inerentes à Permissão de Pesca outorgada à embarcação, bem como os dados relativos à sua posse e propriedade, além de suas características físicas. Segundo a SEAP/BA(2005), existem, na Bahia, 9368 embarcações.

Um outro elemento imprescindível associado à maré e à canoa é o palheiro. Nele, o pescador guarda sua rede e todos os demais apetrechos da pesca. Desde o século XVI, que os índios utilizavam palheiros, denominados por eles de “tejumpares”, e canoa para pescar.

O palheiro é uma pequena casa feita com palha de coqueiro e estacas de pau. Osório (1979) informa que esse tipo de construção já existia em Baiacu, desde meados do século

## XVIII.

A importância que o pescador dá ao palheiro é a mesma que atribui ao jirau, lugar onde os peixes são colocados para secar. Antes, porém, as mulheres os descamam, salgamos e os distribuem em espeto de pau. Próximos aos jiraus, encontram-se vários paus alinhados em fileiras, cuja função é servir de apoio para as redes que serão estendidas ao sol. São aproximadamente seis metros de extensão de rede estendida. Os pescadores o denominam “tendar”.

A “maré” de Baiacu traz consigo, também, um símbolo biológico maior, que são os manguezais. Por ser um país com extensa faixa litorânea, o Brasil possui uma das maiores áreas de manguezais do mundo, estimada em mais de dez mil quilômetros quadrados, que são encontrados em regiões tropicais e sub-tropicais. Esse ambiente possui vegetais microscópicos que estão na base da cadeia alimentar de uma série de animais do litoral e microorganismos capazes de recuperar o solo e a água de regiões afetadas por acidentes, envolvendo derramamento de petróleo no oceano.

Conforme a Lei de 1965, nº 4771, manguezal é área de proteção permanente e só pode ser utilizado por dois motivos: para interesse coletivo ou de utilidade pública. Mas, o que se observa é a ação individual, depredando o manguezal. Não existe procedimento administrativo diante do ato de degradação desse *habitat*. Apesar de existir aterro sanitário na localidade, o lixo e o esgoto doméstico são colocados de forma aleatória nos manguezais.

Considerados áreas vitais no nosso planeta, requerem o máximo de proteção contra distúrbios ambientais. De acordo com Alves, André (2004), os manguezais são os ecossistemas marinhos mais produtivos do planeta, encontram-se nas regiões tropicais e subtropicais, entre os trópicos de Câncer e de Capricórnio, funcionam como verdadeiros berçários do mar, locais onde se reproduzem e se desenvolvem inúmeras espécies marinhas e estuarinas.

O litoral brasileiro abriga cerca de 10 mil a 25 mil quilômetros quadrados de florestas de mangue. Sabe-se, ainda com base em Alves, André (2004), que grupos indígenas coletavam moluscos e crustáceos e pescavam nos manguezais desde pelo menos 2 mil anos antes de Cristo. Os detritos originados das árvores de mangue (folhas, fruto e galhos) são as mais importantes fontes de energia nas águas costeiras. Trata-se de um dos

ecossistemas mais importantes em termos de produção de recursos naturais (sururu, ostra, mexilhão, caranguejo, camarão, peixe). A pesca e coleta desses recursos constituem uma fonte de subsistência, a única para milhares de famílias ao longo do litoral brasileiro.

Os manguezais ficam nas regiões de estuários, faixa de transição entre o ambiente marinho e o terrestre, nos lugares onde os rios deságuam no mar. São habitados por espécies vegetais típicas de ambientes alagados, resistentes à alta salinidade da água e do solo. Possuem sete espécies de árvores e apresentam uma enorme biodiversidade.

Em Baiacu, os pescadores conhecem os manguezais pelo nome de “mangue”. Apenas um dos pescadores entrevistados mostrou-se preocupado com a questão de degradação do manguezal, o mestre Joselito Alves Gondim, codinome “Zé Cacete”, de 59 anos “*Os peixe, o mângui, primero, tudo merece cuidado*”.

Segundo um estudo de pesquisadores da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), um centímetro quadrado de manguezal pode abrigar aproximadamente 200 mil microalgas. De acordo com os pesquisadores, por estar na base da cadeia alimentar, essa abundância de algas garante a sobrevivência de uma grande quantidade de animais e produtividade de ambiente para população dos litorais que vive da pesca artesanal de peixes, camarões, caranguejos e moluscos.

Ainda segundo o levantamento da UFRPE, os manguezais se estendem por cerca de 6,8 mil quilômetros do litoral brasileiro, indo desde a foz do rio Oiapoque, no Amapá, até a foz do rio Araranguá, em Santa Catarina. Aproximadamente, 80% dos manguezais do país estão nas regiões do Norte e Nordeste, especialmente nos estados do Amapá, Pará e Maranhão. Apesar de ainda terem extensão relativamente grande no país e serem protegidas desde 1993 pelo decreto Federal nº 750, as áreas de mangues brasileiras tiveram uma redução de cerca de 46,4% num período de catorze anos, segundo a professora Tânia Brazil, pesquisadora do projeto “Qualibio-Characterização de Ambientes”, desenvolvido na Universidade Federal da Bahia.

As possíveis causas dessa degradação podem ser a proliferação de fazendas para exploração de camarão, comumente denominadas pelos pescadores do Baiacu de ‘viveiros’, o desmatamento para uso da lenha do mangue, além dos esgotos domésticos e industriais.

Os manguezais funcionam como um “berçário” para espécies com valor comercial, como camarão, moluscos, lagostins e peixes, em virtude de reter nutrientes nos estuários. O

mesmo se pode dizer em referência ao manguezal do Baiacu, que funciona como balneário para ostras, siris de mangue, aratus, caranguejos e demais espécies, embora se reconheça que não existe mais a riqueza marinha de outrora.

Atualmente, um aspecto diferente na pigmentação das folhas de mangue tem sido detectado no manguezal de Baiacu, a maioria se encontra com coliforme amarelado. Afora isso, o mangue do Baiacu é uma alusão direta à “maré”.

A propósito, o mesmo se pode deduzir em relação ao comércio. A “maré” engloba em si também a compra e venda do pescado, principal mercadoria, tornando-se, desse modo, um ponto de encontro para as comercializações. Tanto homem como mulher (atualmente, a principal compradora do pescado em Baiacu) estabelecem um preço para ver quem consegue comprar a mercadoria. Em função disso, todo o produto da pesca é vendido para os próprios moradores(as) da comunidade. O preço do produto é, na maioria das vezes, cotado abaixo do valor do trabalho do pescador, como bem ilustra a fala de um dos pescadores:

*Vendo o peixe no porto, na canoa mermo. Vendo aos omi e as mulé. Antes tã pessoa certa Chicorão, Bitonho, Barão, os compradô, os atravessadô. Oje, qualqué pessoa compra. E vendo pelo balde ou pela cuiã, no olo pra medí, até chegá o preso que o dono da redi qué. Nunca vendo pelo preso, sempre baxo. De cinquenta, vendo por vint'cinco, vinte. O gão é poco. ( M. C., 48 anos)*

Após o negócio, o valor maior é percebido ao dono da rede. Para o comprador conseguir o melhor produto e disputar por ele, faz-se necessário estar, pontualmente, no porto, sempre no horário que antecede à madrugada. Conforme demonstração de um comprador local:

*O ponto de encontro era e ainda é o porto, na bera da canoa pra comprá. Agora, o pexi graúdo já tem preferência, o miúdo vende a qualqué um. Já teve uma equipe de comerciante pra comprá pexi miúdo, as outra é mais particulá. A equipe ia pra fera de Nazaré, Cortume, Amargosa, Santo Antônio de Jesus, sertão. Toda viagem era feita com animais, depois passava a mercadoria pros saveros. Oje, é o carro. Antes tã mais de vinte comerciantes, oje tem mais de cem, até as muleres e as criansa estão negociando. Quase todas as muleres oje trabalha. Muitas vezes, o dñero tã que dá no ato da compra do pexe. O pescadô não gostava de vendê fiado, só pro muita consideração. Oje, todo mundo vende fiado.*

*Mas, isso comesó a dez anos atrás. Antes, não considerava, oje considera, o pescadô diz, a pescaria é de fulano, só cede a palavra se fô pra comprá pexe pra comé, aí cede vinte ou trinta kilos. Na outra época, quem tivesse mais diêro era quem comprava, não considerava. Naquele tempo, tã perseguição, o outro comerciante tomava o seu freguês. Cheguei a comprá pra otros comerciare. Tã que acordá as dez horas da note pra ir pro porto comprá, pra depois viajá uma ora da madrugada, ia andano e pegava a lãcha das seis oras. Levava a mercadoria na cabeça, no ombro, duas cestas e o restante ia no animal. Às vezes, tã o penero, o savero, que é uma vela de pena maió e mais fundo que uma canoa. A viagem era sofrida, penosa. Comerciava de domingo a domingo, chega oito, nove horas da note em casa. Às vezes, segunda-feira não viajava, mas mandava por outra pessoa. Não faltava mercadoria. Era diferente, no passado, porque só negociava quem tã diêro, oje todo mundo negocia (A. R., antigo comerciante, 70 anos).*

A negociação ocorre diretamente entre vendedor e comprador, não existe um intermediário. A compra e a venda do pescado em Baiacu é uma atividade de troca relacionada à economia informal, não se emite nota fiscal ou sequer se paga imposto.

Do ponto de vista do Direito brasileiro, o comércio é a interposição habitual na troca, visando a obter lucro. Assim, são três elementos que separam o ato de comércio dos demais atos jurídicos: a mediação (no sentido de que o comerciante não é o consumidor ou o produtor), o fim lucrativo (a atividade não pode ser gratuita) e a habitualidade. O comércio baseia-se na troca voluntária de produtos. As trocas podem ter lugar entre dois parceiros (comércio bilateral) ou mais do que dois parceiros (comércio multilateral). Na sua forma original, fazia-se por troca direta de produtos de valor reconhecido. Os comerciantes modernos costumam negociar com o uso de um meio de troca indireta, o dinheiro. É raro fazer-se troca direta hoje em dia, principalmente nos países industrializados. Como consequência, hoje se pode separar a compra da venda. A invenção do dinheiro (e subsequêntemente do crédito, papel-moeda e dinheiro não-físico) contribuiu grandemente para a simplificação e promoção do desenvolvimento do comércio.

A maioria dos economistas aceita a teoria de que o comércio beneficia ambos os parceiros, porque se um não fosse beneficiado ele não participaria da troca, e rejeitam a noção de que toda troca tem implícita a exploração de uma das partes. O comércio entre locais existe principalmente porque há diferenças no custo de produção de um determinado produto comerciável em locais diferentes. Como tal, uma troca pelos preços de mercado entre dois locais beneficia a ambos.



Sem dúvida a “maré” de Baiacu além de abarcar o comércio, o manguezal, o dia-a-dia do pescador e demais símbolos, por conseqüência, envolve também o porto, ponto de encontro para os pescadores.

O porto constitui-se em um lugar que serve para a troca de mercadoria e meio de contatos. Na perspectiva dos pescadores da comunidade do Baiacu, o porto expressa: “*ponto de encontro para trabalá*” (J.S.P., 86 anos); “*onde fica as canoa*” (R.S., 68 anos); “*ponto de chegada, lugá de encontro de todo mundo*” (J. A., 49 anos); “*lugá rodiado de água onde fica as canoa*” (J.M., 30 anos).

A imagem que os pescadores fazem do porto estabelece uma relação associativa entre ponto fixo e localização, serve como ponto de encontro das pessoas, e para seguridade das canoas. O porto expressa uma imagem de lugar, de ponto fixo.

O porto de Baiacu tem uma extensão de aproximadamente 100 metros. Em sua parte central encontra-se o mar, a “maré”. Nas laterais, depara-se com os manguezais. Não existem praias. O mar é tranqüilo e suas areias são misturas de lamaçais, em grande parte, e areia branca. Por meio do porto, visualiza-se toda a estrutura da pesca e aqueles em que nela se encontram envolvidos: os pescadores.

Os pescadores, os palheiros, as canoas, as redes estendidas sob o sol são a imagem viva do porto, são seu cartão-postal. O cheiro do mar, o vento, a maresia presentes no porto apresentam uma imagem de vida tranqüila, paradisíaca. Ali, qualquer um se sente revigorado. Alguns o consideram misterioso; outros, fascinante. A imagem do porto se fixa na memória visual de qualquer visitante.

Em meio às suas características lingüísticas, sociais e físicas, a “maré” de Baiacu tem na figura do pescador o símbolo maior. Em termos lingüísticos, o pescador, a maré, a pesca, o porto são os elementos prototípicos. O pescador é uma das características identitárias da “maré”, de tal modo que ele sabe que depende da maré para sua sobrevivência, que seus ciclos de fartura e de pobreza juntos determinam um estado de equilíbrio entre sujeito e meio. Eles lêem com sabedoria os sinais da natureza, os ventos, as correntes marítimas, o fluxo dos peixes, os problemas ambientais que causam danos à pesca e à vida marinha, as dificuldades de seu trabalho, a necessidade de organização.

O pescador da comunidade de Baiacu tem apenas uma preocupação: a de ser compreendido imediatamente pelo seu grupo de pesca. A visão de mundo dos pescadores

da comunidade de Baiacu é tão somente a do mundo social da pesca. Eles não constroem projetos de vida, embora alguns tenham tentado criar um personagem antecipado, porém a vontade própria, a determinação de seguir os seus objetivos, o trabalho constante da pesca, a força fatal e cotidiana do labor pesqueiro, ou outras circunstâncias, tais como: família, condições financeiras ou o descrédito da realização do sonho, ou até mesmo, o determinismo impedem o pescador de sair da sua situação de pobreza, subjugado à sociedade, conforme faz supor os seguintes depoimentos:

*Fiquei infruído com a pesca, num pensava em outra coisa, fica difícil ( J.S.P., 86 anos).*

*Queria ser negociante, mas não deu certo, acabei pescadô. Tamém nunca pensei em ser outra coisa (R.S., 70 anos).*

*Quando moderno, sempre se sonha com alguma coisa, mas com o passá do tempo não tem jeito. Queria ser um bom cantô, se tivesse uma boa voz. Ou, intão, queria jogá bola. Mas, a única solução é pescá ( A.G., 56 anos).*

*Eu tive vûtade de ser motorista, mas era difícil, tudo precário. A mã maió vontade é sé um motorista, preciso tomá aula e siguí em frente. Tõo essa vontade, mas não tõo recurso. Quem tem família fica difícil realizá o sonho. Temo que trava lá ( Z. P., 45 anos).*

*Meu pensamento só era pescá, não tã futuro pra nada a não ser pescá. A vida daqui é a pescaria, não tem outra coisa (R.S., 41 anos).  
Não penso no futuro, porque o gão é poco pra isso e pra sustentá a família (L.M., 34 anos).*

Esses depoimentos permitem configurar o trabalho da pesca como uma atividade ordenadora da cultura, mas não como uma atividade em que são operadas forças projetivas capazes de satisfazer outras ações que não às relacionadas ao universo da pesca. Em função disso, seria a atividade pesqueira algo que relembre da teoria do determinismo, que abarca a idéia de que o sujeito é produto do meio? Seriam indícios de relações sociais que vêem o sujeito da ação apenas como um processo laborativo, objeto mesmo, em um quadro em que o trabalho se realiza? A priori, só se pode deduzir que a ação laborativa da pesca permite articular uma correspondência significativa entre o indivíduo, o sistema lingüístico e a cultura material, de modo que haja valor coletivo do sujeito, a fim de que se permita atribuir um sentido passível de associação entre a identidade estrutural de um grupo e a diversidade funcional expressa pelo falante de uma língua. Porém, isso não permite a esse

mesmo grupo criar um personagem antecipado.

A “maré” de Baiacu flagra não apenas os pescadores, com seus costumes, hábitos e histórias e seus não personagens antecipados, mas também a mulher marisqueira, cujo papel não é o de representar o personagem antecipado, mas definir na atividade pesqueira o perfil da pescadora artesanal. Assim como a inclusão da mulher pescadora nas políticas públicas através da formulação da legislação e do conceito de pescador e pescadora artesanais, dos processos de confecção e reparo de embarcação e apetrechos de pesca, e visceração de pescado e comercialização de pescado.

O fato da atividade pesqueira se realizar principalmente no mar é o argumento fundamental para que a própria legislação trabalhista defina a atividade pesqueira inadequada à “fragilidade feminina”. Historicamente, mesmo sem o reconhecimento oficial ou sócio-cultural, a mulher participa da atividade pesqueira, seja no processamento do produto, comercialização, fabrico e manutenção de apetrechos e em raros locais, exercendo diretamente a captura.

O papel atribuído à mulher é sempre secundário, sendo reconhecida apenas enquanto marisqueira. Chega a ser cultural. Os próprios pescadores classificam como o “forte” da mulher pescadora *“extraí marisco, porque é trabalho de terra, leve, não precisa atravessá canal”*

( J. S.P., 86 anos).

De acordo com os dados da BAHIAPESCA (2006), ainda que seja uma atividade econômica de grande importância, a mariscagem é tida como uma atividade menos significativa para os locais onde existe tradição em pesca. Autores afirmam que nas representações de comunidades pesqueiras, o mar, notadamente o mar de fora, é domínio dos homens, em oposição à terra que é domínio das mulheres. Entre os dois medeia um espaço intermediário onde os domínios se interpenetram, e tanto homens como mulheres exercem atividades produtivas. Costa Neto (2001), por exemplo, refere-se a esses espaços como “mar de dentro” ou “mar de terra” e as atividades neles desenvolvidos como uma “pesca feminina”.

As marisqueiras em Baiacu exportam, principalmente, os moluscos e catam os crustáceos, além de descamar os peixes, sobretudo o xangó, também denominado “filé”. Cabe às mulheres mais experientes e às mais jovens preparar o filé de peixe, sendo os

principais massambê (*Clupeidae*, sardinha,) e xangó (*Engraulididae*), além de mariscar. A mariscagem é praticada em condições primitivas de trabalho, quase sempre, as mulheres comercializam boa parte da produção a um intermediário, que detém condições de resfriamento, transporte do produto, além do capital.

Apenas uma jovem, V.A.S., 22 anos, é a única mulher em Baiacu a praticar não a mariscagem, mas a pescaria propriamente dita. Ela pesca todos os dias, em conjunto com os pescadores. É uma exceção, e serve para desmistificar o estereótipo de que a mulher pescadora pode ser apenas marisqueira. Mesmo assim, os pescadores a discriminam, no sentido de ignorá-la enquanto o papel feminino atribuído à mulher. Apesar de admirarem a coragem da jovem, eles a rotulam como “mulher-macho”.

Afora isso, os pescadores e as marisqueiras têm em sua conduta a prática do Código de Ética, pois se preocupam em preservar e respeitar o ambiente pesqueiro e a vida marinha existentes nele. Alguns respeitam o Calendário de Defeso, no sentido de que na Bahia há diferença de períodos, a depender de cada espécie, das águas marinhas ou continentais. O calendário encontra-se assim estipulado:

Robalo	15.05 a 31.07
Camarão	01.04 a 15.05 e 01.12 <sup>a</sup> 15.01; 15.09 a 03.10
Lagosta	01.01 a 30.04
Caranguejo-fêmea	01.12 a 31.05
Caranguejo-andada	25.02 a 02.03; 26 a 31.03

Quadro 3 - Calendário de defeso (Fonte: NUPESCA, GEREX-I/BA. Boletim do IBAMA)

O calendário referente às águas continentais está assim distribuído:

Rio São Francisco	01.11 a 28.02
Bacias do Leste	01.11 a 28.02
Açudes da Bahia	01.11 a 28.02

Quadro 4 - Calendário de defeso (Fonte: NUPESCA, GEREX-I/BA. Boletim do IBAMA)

De acordo com o presidente da Colônia Z-11, Sr. Antônio Monteiro, o Calendário de Defeso na comunidade de Baiacu é

*[...] de primero de abril a quinze de maio, e o outro, é de quinze de setembro a tina de outubro, num total de noventa dias. Mas, só temos o defeso do camarão, onde cem pescadores recebe setecentos reais em dois períodos, em quarenta e cinco dias de paralização. É um período proibitório.*

Do ponto de vista do pescador Sr. J.A. (49 anos), “o período de defeso é o período da desova, é quando se pára de trabalhá pra o camarão, que é quarenta e cinco dias e o governo paga dois mes. É o seguro disimprego”.

Nesse período, apenas aqueles pescadores que se encontram registrados no Cadastro Nacional da Pesca são os que percebem o salário. Esse cadastro é uma carteira expedida pela Secretaria de Aquicultura e Pesca - SEAP/Ba. É um documento obrigatório despachado pela Colônia dos Pescadores, órgão responsável pela informação de que o pescador é ou não um segurado especial. Existem trezentos e quarenta e oito localidades pesqueiras e quarenta e quatro municípios baianos no Registro Geral da Pesca - RGP. Baiacu é uma dessas localidades.

Diante do exposto, a “maré” de Baiacu é uma rede de significações, o que possibilita classificá-la enquanto uma lista aberta, uma rede abrangente de famílias, uma abstração de muitas realidades. É uma unidade léxica com variadas significações. Em função disso, a “maré” revela as possibilidades de se reconstituir a história do léxico dos pescadores em conjunto com a sua cultura e a história da língua. A maré serve para atribuir sentido à língua em seu contexto, no uso de fato e de sua funcionalidade. Contudo, não se deve olvidar os tensores ecológicos sobre os ecossistemas locais. Desde a ocupação desordenada da área, até o lançamento de efluentes domésticos na água, todos esses tensores poderão promover alterações capazes de comprometer a qualidade de vida da “maré” da comunidade de Baiacu.